

Revista
Municipal
Trimestral
Número 26
Março 2019
GRATUITA

Lisboa

DA CIDADE PARA OS LISBOETAS

Especial
BAIRROS
Onde gostamos de viver

Entrevista
MÁRIO DE CARVALHO

Espaço Público
**A NOVA PRAÇA
DE ESPANHÁ**



UMA REVISTA PARA TODOS OS LISBOETAS

A **Lisboa**, que publicamos desde 2012, chega agora aos lisboetas com uma nova imagem e um novo conceito editorial.

Com o número 26, inauguramos uma nova etapa desta publicação. Queremos corresponder e superar as expectativas de quem sempre nos acompanhou e incentivou, e queremos também ir ao encontro de novos públicos.

A **Lisboa** é uma revista trimestral e gratuita, feita pela Câmara Municipal de Lisboa para todos os que são ou se sentem lisboetas, os que estão e os que chegam, os que vivem na cidade e os que nela passam a maior parte do seu dia.

Queremos que esta revista ajude a *pensar* Lisboa e que contribua para melhor usufruirmos da cidade e do muito que ela tem para oferecer. Partilhemos decisões, conhecimento e dúvidas; transmitimos opiniões informadas; divulgamos projetos em curso, atividades e inovações que procuram melhorar a vida dos municípios; recuperamos memórias e tradições; esclarecemos o cidadão na sua relação com os serviços que disponibilizamos; contamos histórias de lisboetas conhecidos e anónimos que fazem a diferença; apresentamos os bastidores do trabalho que se faz nesta autarquia.

Queremos que a **Lisboa** contribua para uma cidadania informada e participante através de conteúdos relevantes, úteis e rigorosos. Introduzimos, em cada edição, um dossiê em que se abordam grandes temas com implicação direta na vida dos cidadãos. Neste número, os Bairros de Lisboa, espaços de vivência afetiva e local onde nos deveremos sentir “em casa”. Nos próximos, ao longo deste ano, a Mobilidade, a Habitação e o Ambiente Urbano da cidade Capital Europeia Verde 2020.

Lisboa é uma revista da cidade para os lisboetas, para as pessoas que querem e merecem viver todos os dias numa Lisboa melhor.

Trabalhamos para que isso aconteça, cientes dos desafios e das dificuldades, e contamos com os contributos de todos, apoios e críticas, para concretizar uma ideia de cidade: a melhor do mundo para as pessoas que nela vivem.

Escrever **Lisboa** é um privilégio. Informar os lisboetas é a nossa missão. Ao serviço da *mui nobre e sempre leal Cidade de Lisboa*. Sempre.

Lisboa é uma revista da cidade para os lisboetas, para as pessoas que querem e merecem viver todos os dias numa Lisboa melhor.

Filomena Costa

DIRETORA

Sumário

Revista Municipal Trimestral • Número 26 • Março 2019

DOSSIÊ



Jardim de Santa Clara, Ameixoeira.

Bairros de Lisboa

A maior parte dos lisboetas nasceu, cresceu ou vive atualmente num bairro — essa “unidade territorial de vida coletiva” que identifica áreas da cidade, mas que é também uma referência afetiva para quem neles vive ou viveu.

| | |
|---|----|
| Bairros, onde gostamos de viver | 3 |
| Bairros de Lisboa | 4 |
| Pensador de Lisboa — Nuno Pires Soares | 10 |
| Infografia — Relação com o bairro | 12 |
| Vidas de Bairro | 14 |
| Espaço público — Uma Praça em cada Bairro | 22 |

EDITORIAL

| | |
|---|---|
| Uma revista para todos os Lisboetas | 1 |
|---|---|

ARTIGOS

| | |
|--|----|
| Reportagem fotográfica Quem cuida da nossa última morada | 32 |
| Entrevista Mário de Carvalho | 40 |
| Lojas com alma A mercearia do senhor João | 44 |
| Urbanismo Praça de Espanha — um novo parque na cidade | 46 |
| Habitação Nova geração de habitação pública | 50 |
| Educação Escolas novas | 53 |
| Mobilidade Novos autocarros e carreiras de bairro | 54 |
| Resíduos O lixo bom da compostagem doméstica | 56 |

REGISTOS

| | |
|---|----|
| Explicador de Lisboa Que fazer com tanto lixo | 58 |
| 10 medidas contra o lixo | 60 |
| Cultura e Património, Desporto, Ambiente e Espaços verdes, Urbanismo e Espaço público, Direitos sociais, Vida local, Transportes, Grandes eventos, Participação | 61 |
| Uma cidade numa letra | 64 |
| Ficha técnica | 64 |
| Entrevista de Contracapa | 65 |

Dossiê Bairros



BAIRROS DE ROS

A maior parte dos lisboetas nasceu, cresceu ou vive atualmente num bairro – essa “unidade territorial de vida coletiva” que identifica áreas da cidade,

mas que é também uma referência afetiva para quem neles vive ou viveu.

POR LUÍS MIGUEL CARNEIRO

LISBOA

quatro

Lisboa



Largo do Intendente. A Mouraria, como outros bairros antigos da cidade, vive um processo de reabilitação urbana e revitalização social.

O bairro evoca a idade de ouro da infância e a integração em redes de vizinhança ao longo da vida. Por vezes é uma música, outras um cheiro ou vozes do passado. A “vida de bairro” é um estímulo ao sentimento de coesão e segurança, pelo controlo do território e pelas complicitades. O bairro implica um sentimento de pertença.

São 230 os bairros identificados num estudo municipal que serviu para sustentar o programa municipal “Uma Praça em Cada Bairro”. Este estudo considera o bairro como “a unidade de vizinhança constituinte da cidade”, delimitado por “pressupostos históricos e morfológicos”, concentrando a “identificação afetiva”. É uma visão que partilha um princípio orientador da Carta Estratégica de Lisboa, “cidade de bairros”, que os considera “unidade estruturante, no espaço e no tempo”. Numa capital onde a maioria dos habitantes tem raízes fora da cidade, existe a ideia de que Lisboa é composta por muitas “pequenas aldeias”.

Mais modesto é o número avançado pelo projeto universitário “Bairros em Lisboa 2012” (CEACT da UAL / e-Geo da UNL): 150 bairros, dos quais 50 incluem a palavra “bairro” no topónimo (praticamente os mesmos do artigo “Bairros de Lisboa” na Wikipédia). No âmbito deste projeto, que inclui diversas abordagens disciplinares, realizou-se a um inquérito a 720 moradores de seis bairros (Ajuda, Alvalade, Campo de Ourique, Galinheiras, Graça e Telheiras), escolhidos pela

Os limites de um bairro são, em última instância, uma construção mental.

sua distribuição geográfica e por representarem diversas tipologias, quer na sua génese quer na sua forma urbana.

ONDE COMEÇA E ONDE ACABA UM BAIRRO

Daquele inquérito ressalta o facto de os próprios moradores inquiridos terem, por vezes, dificuldade em estabelecer limites fixos para o seu bairro, pela existência de zonas ambíguas ou de sobreposição com os bairros contíguos. O que será o centro do bairro já é mais consensual.

O número de bairros atrás apontado poderá reduzir-se atendendo a que a lista inclui nomes de bairros que, por vezes, englobam outros também referidos, ou percecionados como tal. Assim, os moradores de Alvalade consideram que este bairro é muito mais do que o bairro das células de “habitação económica” dos lados da avenida da Igreja, junto ao Campo Grande, mas toda uma área de um e outro lado da avenida de Roma entre a linha ferroviária e a avenida do Brasil, que inclui os bairros das Estacas e de São Miguel, por exemplo.

AS IDENTIDADES DOS BAIRROS NÃO SÃO IMUTÁVEIS

Quando a sociedade muda, muda a vida de bairro, muda a sua cultura identitária e muda o próprio aspeto do bairro. O Bairro Alto (Vila Nova dos Andrades, no século XVI) começou por ser um bairro da nova aristocracia ligada à aventura da expansão marítima, tornando-se um “bairro popular” a partir do século XVIII, com a decadência daquele empreendimento nacional. O Castelo viu partir a aristocracia e ficar quase ao abandono com a mudança do Paço para junto do rio. Pelo contrário, a Mouraria, considerada até meados



Alfama.

do século XX como “insalubre” e de “má fama”, acolhe hoje uma geração nova, das classes médias, atraída pela reabilitação do edificado e do espaço público, trazendo ao bairro um novo cosmopolitismo.

Quanto mais antigo é o bairro, maior a miscigenação social: Alfama e Madragoa, ao longo dos tempos, foram acolhendo burgueses e aristocratas ao mesmo tempo que ovarinos e vieiros chegados para as fainas do mar. O tempo encarrega-se de misturar gerações e estratos sociais.



Largo da Luz, Carnide.

A delimitação dos bairros não é uma questão recente. Em tempos, as judiarias ou a Mouraria, com as suas portas e proibições de entrar ou sair à noite, permitiam esse rigor, mas foram situações raras. Antecedendo em muito os conceitos de “bairro administrativo” ou de “bairro fiscal”, a palavra bairro usada para designar determinadas zonas apartadas do resto da cidade surgiu na Idade Média e confundia-se por vezes com os nomes da respetiva paróquia, como mais tarde aconteceu com a freguesia. Uma e outra podia também englobar diversos bairros, ou os bairros maiores podiam, pelo contrário, pertencer a mais do que uma paróquia ou freguesia.

Até ao século XIX, paróquias e bairros confundiam-se nas zonas mais densamente povoadas: ao longo de menos de um quilómetro, as paróquias e/ou bairros da Sé, São Jorge, Limoeiro, Lóios, Santo André, São Tomé, Escolas Gerais e Santa Marinha eximiam-se de figurar nas áreas dos grandes bairros adjacentes, como Alfama ou Graça. Pelo contrário, Alfama englobava três freguesias até à reforma administrativa de 2012, mas desde então pertence a uma única freguesia juntamente com o Castelo, a Mouraria, a Baixa (que também

estavam divididos em diversas freguesias), entre outros bairros. Os limites de um bairro são, em última instância, uma construção espacial mental.

DE QUE SE FAZ UM BAIRRO

Pesem embora as diferentes conclusões para cada bairro estudado, em comum existe a perceção de os moradores considerarem fatores humanos do presente (sociais, culturais e económicos) como sendo o que cimenta a identidade do bairro, mais do que os fatores urbanístico-arquitetónicos ou patrimoniais do passado. Expressões como “as pessoas do bairro”, “a vida de bairro”, “o comércio”, “o interconhecimento” estão entre as respostas com mais referências. A maioria destaca manter relações de amizade com vizinhos. Quanto mais longo é o tempo de residência no bairro, maior tende a ser a identificação com ele. Como os censos da população apresentam dados por freguesia e não por bairro, é difícil aferir percentagens de residentes por anos de permanência. No inquérito que vimos seguindo, 39% declara viver no bairro há mais de 20 anos.

Os bairros nascem com determinadas formas urbanísticas e arquitetónicas em função de quem os

vai povoar. Assim aconteceu no passado, nas “vilas” e pátios operários ou no bairros abastados da Lapa ou de vivendas no Restelo. Assim aconteceu recentemente com os realojamentos nos bairros ditos “sociais” daqueles que viviam em bairros de génese ilegal (as barracas), ou na corrida à habitação de qualidade no Parque das Nações, pelas classes média e média-alta.

VIVER EM BAIRRO, HOJE

O próprio ritmo natural da vida impacta a estrutura demográfica dos bairros. A Mouraria, o Desterro e Arroios, entre muitos outros bairros espalhados pela ci-



Praça José Saramago.

O QUE É UM BAIRRO

A noção de bairro remete para uma área relativamente homogénea, em um ou mais dos seguintes aspetos materiais: configuração urbanística, características arquitetónicas, separação do restante tecido da cidade. Mas também resulta do processo histórico da sua formação e desenvolvimento, da estrutura económica e social e das afinidades culturais e afetivas criadas nas relações entre vizinhos.

Ouve-se correntemente dizer que “Lisboa é uma cidade de bairros”.

dade, já não acolhem tanto a imigração oriunda da província mas imigrantes de outros países e continentes.

Um bairro de construção recente tem normalmente moradores mais jovens do que os mais antigos, destes atraindo os excedentes populacionais. Mas a mudança pode processar-se no espaço de uma geração. Em meados do século passado, aquando da sua construção, os bairros das atuais freguesias do Areeiro e Alvalade eram dos de população mais jovem e financeiramente desafogada, enquanto os do casco antigo se arrastavam com uma população envelhecida e mais carenciada. Hoje, estas duas freguesias são das mais envelhecidas, enquanto as do casco antigo rejuvenescem, em parte com os filhos da geração que povoou Areeiro e Alvalade, por exemplo. Os bairros municipais são também dos que têm residentes mais jovens, embora os rendimentos dos agregados sejam inferiores a 900 euros, em média.

PRESERVAR A IDENTIDADE E A MEMÓRIA

Atualmente, os bairros consolidados enfrentam um novo desafio: o aumento do turismo que promove a substituição de antigos moradores por locatários de curta duração. As alterações à legislação, protegendo idosos e residentes de longa duração, e a limitação à renovação de licenciamento de unidades de Alojamento Local nas cinco freguesias do centro histórico da cidade (onde o problema é mais premente), por imposição municipal, são medidas que visam obviar esse perigo.

O verdadeiro problema não resulta da afluência de turistas, de grande valor económico para as famílias, nem do carácter cosmopolita que daí advém, que inspira a inovação e a irrequietude criativa das novas gerações de lisboetas. O problema centra-se em garantir a permanência dos moradores e da sua memória, promovendo-se simultaneamente uma vida de bairro vibrante e participada, mobilizadora das energias locais.

Medidas para oferta de habitação a preço acessível ajudam o processo de repovoamento dos bairros, enquanto programas municipais como o BIP/ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária) incentivam a participação cidadã na procura de soluções inovadoras para a vida local. Intervenções de requalificação no espaço público, como as do programa “Uma Praça em Cada Bairro”, estimulam a apropriação coletiva dos espaços pelas gentes dos bairros.

Os bairros nasceram, mudaram, continuam a mudar, mas não podem morrer. São os seus cidadãos – que criam associações, clubes e grupos de moradores e vizinhos, com páginas de intervenção no ciberespaço e ações nas ruas, nos cafés, nas galerias, nas lojas e nas empresas – que serão sempre a alma dos bairros de Lisboa. ●

**FACTOS
& NÚMEROS**

Lisboa

505

mil habitantes

178,9

idosos por cada 100 jovens

12,3%

residentes estrangeiros

24

freguesias

Fonte Pordata, dados de 2017

Quantos bairros
tem Lisboa?

150

Segundo estudo académico
"Bairros de Lisboa, 2012" (UNL/UA)

230

Segundo estudos prévios do programa
municipal "Uma Praça em cada Bairro"



Parque urbano dos Olivais.

FAZER BAIRRO

POR PAULA CEREJEIRO

Nuno Soares vê no bairro um lugar que faz sentido para quem lá mora. Sabe que “fazer bairro” leva tempo, e é possível ajudar.

LISBOA *O que é um bairro, afinal?*

NUNO PIRES SOARES Os bairros são as pessoas que os fazem. É uma construção muito elaborada por quem lá mora. E é uma memória. As pessoas estão sempre a recordar-se de um espaço que às vezes já não existe: o espaço de infância, o espaço onde aprenderam a andar, os primeiros amigos. Quando entramos num bairro, há volume e espessura social. Há bairros facilmente identificáveis de fora, graças ao traçado das ruas e à arquitetura, ou às populações que os habitam. Depois há todos os outros, que são reconhecidos e identificados pelos residentes, mas que não são reconhecidos por quem está de fora, porque não têm uma identidade física visível. A sua identidade é a da memória dos próprios residentes: são os bairros mais antigos. Entre estes, o Bairro Alto é o único que tem um desenho próprio bem definido. Todos os outros têm um desenho orgânico, um desenho que foi crescendo ao longo do tempo: Alfama, Madragoa, Mouraria, Graça...

Em Lisboa, é possível encontrar mais de cem lugares que se designam por “bairro”. Em muitos desses casos, o nome por que o lugar é conhecido é o nome do bairro. Assinala-se ainda a existência de aproximadamente quarenta lugares em que a palavra “bairro” faz parte integrante do nome: Bairro Alto, Bairro do Alvito, Bairro do Calhau...

“Os limites [do bairro], só quem lá vive é que sabe.”

LISBOA *Quais são as “fronteiras” de um bairro?*

NUNO PIRES SOARES Andamos sempre à procura das fronteiras. Se calhar não é a coisa mais importante. Mais importante é o centro do bairro: a igreja, o largo, a praça, ou o cruzamento. Ou um bairro sem centro. Os limites, só quem lá vive é que sabe. A não ser quando o bairro obedece realmente a um plano, como os bairros construídos no Estado Novo, dos anos 30 e 40. Essa noção de bairro como espaço intermédio entre a rua e a cidade é importante.

LISBOA *Podemos “fazer” novos bairros em Lisboa?*

NUNO PIRES SOARES Podemos e estamos a fazer. Os sítios onde os miúdos estão a nascer vão ser os seus bairros de memória. Por exemplo, Telheiras é uma área da cidade que fez bairro. É uma construção recente, mas que já identificamos como um bairro. Temos uma primeira geração, hoje com 20 ou 30 anos, que nasceu nesse lugar e desse lugar fez o seu bairro. Para os pais, quando foram para lá, não era seguramente o bairro deles, e talvez ainda hoje não seja. Fazer bairro leva muitos anos, uma a duas gerações. É preciso continuar a privilegiar a escala local, com o seu comércio, o café da rua aonde se pode ir. Fazer lugar está na ordem do dia, usufruir do espaço público, andar a pé, de bicicleta... Trata-se de privilegiar a escala local e estimular o uso do espaço público.

LISBOA *Os bairros lisboetas têm alguma especificidade face a outros bairros europeus?*

NUNO PIRES SOARES Havia uma diferença. Era a única capital da Europa onde podíamos identificar uma fatia da população com baixos recursos, com baixa formação, a viver maioritariamente no centro da cidade, que estava cá há uma ou duas gerações, mas que conservava uma mentalidade rural. Isto hoje está a desaparecer.

LISBOA *Devia haver uma “gestão de bairro”?*

NUNO PIRES SOARES Nunca pensei muito sobre o assunto, mas seria mais interessante, por exemplo, fazer uma gestão não do bairro mas das ruas comerciais. Sempre que uma loja vagasse, seria bom pensarmos no que gostaríamos que fosse para ali, para servir a comunidade. ●

Pensador de Lisboa



Nuno Pires Soares é geógrafo, professor e investigador na Universidade Nova de Lisboa. Foi um dos responsáveis pelo projeto “Bairros de Lisboa”, coordenado pelo Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território, da UAL.

INFO GRA FIA

INQUÉRITO EM SEIS BAIRROS LISBOETAS

No âmbito do estudo universitário “Bairros de Lisboa 2012” (e-Geo - UNL/CEACT - UA), foi realizado um inquérito aos residentes nos bairros da Ajuda, Alvalade, Campo de Ourique, Graça e Telheiras, que representam a diversidade dos bairros lisboetas.

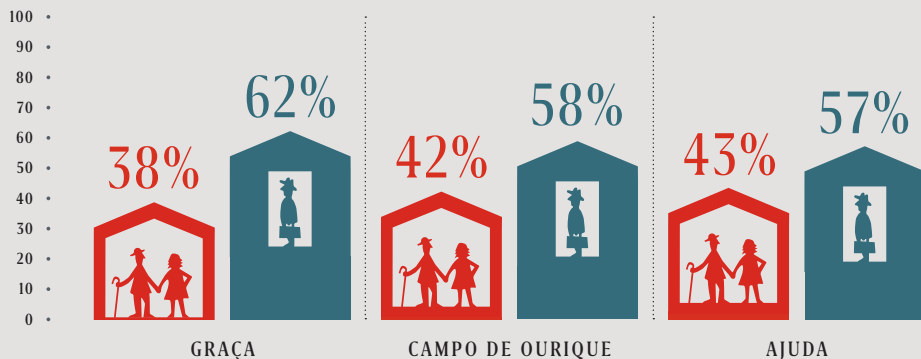
Essa diversidade advém não só da época da sua construção e tipologia urbanístico-arquitetónica, mas também da composição sociológica dos seus habitantes.

Fontes

Dados adaptados de 'Dossiê Bairros: Filipa Ramalhete + Bruno Neves. Os Bairros vistos pelos seus residentes', in *Estudo Prévio*, revista do Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa.

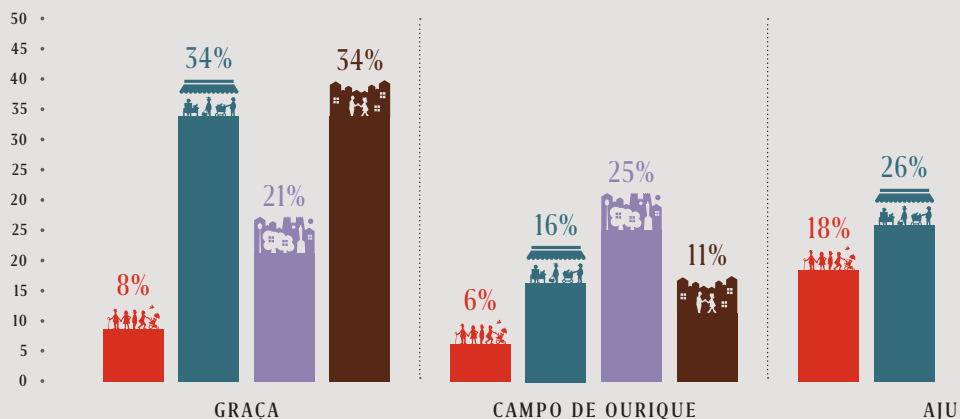
RELAÇÃO CASA PRÓPRIA / CASA ARRENDADA

Segundo os Censos de 2011, em Telheiras, a grande maioria dos residentes habitava em casa própria.



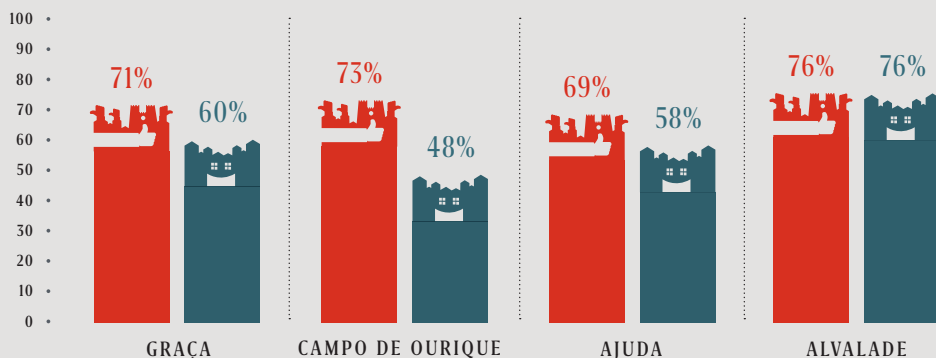
O QUE FAZ UM BAIRRO

O que faz um bairro? Segundo o inquérito, as pessoas e o comércio são fatores mais importantes



SATISFAÇÃO / MELHOR BAIRRO PARA VIVER

A maioria da população gosta de residir no seu bairro, apesar de nem sempre considerar que mora



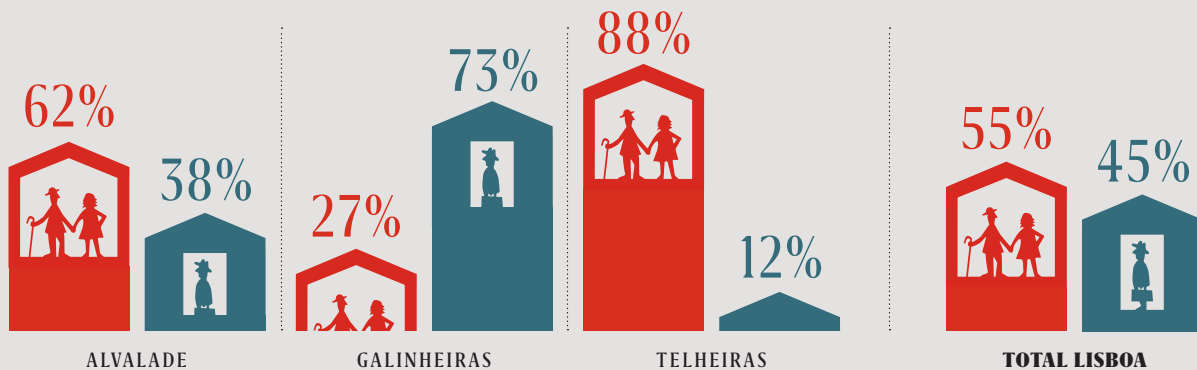
Pelo contrário, nas Galinheiras prevalecia o arrendamento.



Casa própria



Casa arrendada



que os edifícios.



Convívio / Vida de bairro



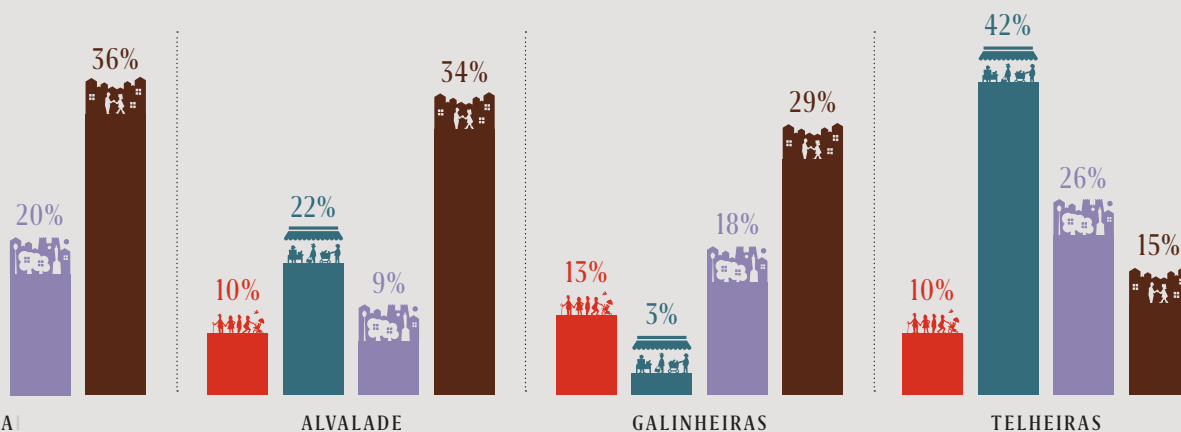
Comércio



Edifícios e arquitetura / urbanismo



As pessoas



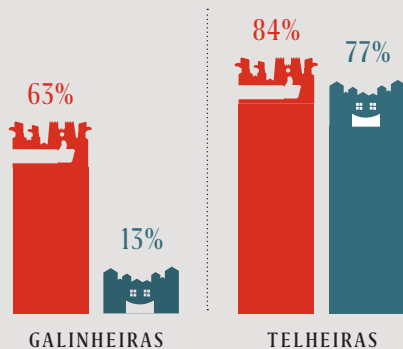
no melhor bairro.



Melhor bairro para viver



Grau de satisfação geral



EXPRESSION DA RESIDÊNCIA DE LONGA DURAÇÃO

Vive no bairro desde sempre:

21%

Vive no bairro há mais de 20 anos:

39%

RELAÇÕES COM OS VIZINHOS

Tem relações de amizade com algum(s):

58%

Não mantém conversação com nenhum:

7%

Mantém conversação com alguns, mas não estabelece relações de amizade com nenhum:

35%



O REGRESSO À AJUDA DE UMA FILHA DO BAIRRO

POR JOSÉ MANUEL MARQUES

As raízes no bairro vão fundo.
Ao pai e aos avós paternos, pelo menos.
Nasceu e residiu no outro lado do rio,
mas de facto nunca saiu da Ajuda.

Madalena Rosa é caleira na Escola Superior de Enfermagem e vive na freguesia da Ajuda há quatro anos, se considerarmos apenas a residência oficial, pois na verdade trata-se de uma autêntica “filha da Ajuda” que por aqui sempre andou.

Fez o infantário e o primeiro ciclo no Centro Cultural e Recreativo das Crianças do Cruzeiro e Rio Seco (CCR), uma prestigiada Instituição Particular de Solidariedade Social com raio de ação também na vizinha freguesia de Alcântara.

“A maior parte dos meus amigos morava na Ajuda, por isso sempre foi um sítio muito familiar”, diz confiante quando lhe perguntamos sobre o bairro. Vinha petiz aprender, e com frequência dormia na rua do Cruzeiro, em casa da prima Cristina, onde brin-

cou e fez amigos. E para a rua do Cruzeiro voltou, agora com a mãe. “Os meus avós, os meus primos e os meus tios sempre viveram aqui, por isso era uma questão de tempo voltarmos, acho eu.”

Da Tapada da Ajuda guarda recordações únicas, “onde passava a maior parte dos fins de semana”, os passeios, as festas de aniversário, que “muita gente fazia lá”, e os piqueniques do CCR.

No Pavilhão da Ajuda [curioso nome, já que se situa geograficamente na freguesia de Alcântara] jogou andebol e dançou muitas vezes folclore — pelo CCR, claro. No imaginário também lhe ficaram para sempre as visitas ao Jardim Botânico. ●

“A minha família sempre viveu aqui. Era uma questão de tempo voltarmos à Ajuda”

MADALENA ROSA

Madalena Rosa tem 18 anos e é estudante de enfermagem. Descende de uma família da Ajuda e, apesar de ter residido em Almada, era neste bairro que passava os dias. Agora já é residente “oficial”.

SÃO OS SEUS PASSOS QUE FAZEM ALVALADE

POR SUSANA PINA

Diz que é a única pessoa que conhece que nunca mudou de casa. Mas as suas raízes levam-na longe e inventa histórias sobre o que a rodeia.

Ana gosta de ir e vir a pé, de poder almoçar em casa e de ir ao mercado do bairro. Também a pé? Fica tentada a mentir, mas lá conta que teve essa "ideia romântica", que até comprou um carrinho de compras que fazia "uma barulheira desgraçada", mas acabou por desistir e começou a ir de carro. "Não me fica muito bem, mas é o que é", admite com sentido de humor.

"Sou tipo as velhas", diz a sorrir, quando descreve a sua "vida de bairro". Além de morar em Alvalade, e de se inspirar no bairro para os seus contos, conseguiu arrendar um espaço perto de casa, no bairro das Estacas, para montar o seu ateliê. "E já me tenho lembrado que talvez possa ir morrer exatamente no mesmo sítio onde nasci". Refere-se à antiga maternidade onde nasceu, em 1968, que fica na sua rua e hoje é um lar de terceira idade.

A casa onde mora, na rua Frei Tomé de Jesus, já era do pai, e Ana foi "ficando, ficando..." O pai, militar, presidente da Câmara de Lagos, tinha este apartamento arrendado em Lisboa. De certa forma, a sua família ilustra bem o perfil social dos primeiros habitantes.

Há "uma burguesia muito típica de Alvalade", e que foi envelhecendo ao mesmo tempo. Naturalmente atenta ao que a rodeia, foi aqui identificando personagens, "quase personagens-tipo: a viúva do militar, o médico idoso..." Talvez por isso Ana tenha sentido neste bairro "um sentimento genérico de solidão", que reflete nas suas histórias: "Sim, quando escrevo alguma coisa, geralmente não é sobre gente muito acompanhada".

ANTIGAMENTE ERAM SÓ MENINAS *GABIS*

Ultimamente têm aparecido novas famílias, e há uma nova geração de moradores que se instala. "Até já há alojamento local e essas coisas todas... Noutro dia, constatei que tinha no andar de baixo a menina Gabi, que tem 86 anos, e no andar de cima uns alemães a passear com as rodinhas dos *trolleys* por cima da minha cabeça [ri-se], antigamente eram só meninas *Gabis*".

Também tem percebido que há pequenas empresas, sobretudo ligadas às indústrias criativas que estão a procurar o bairro, o que é uma novidade.

Mas onde começa e acaba o bairro de Alvalade? "Já tenho pensado nisso. Antes, as pessoas referenciavam o bairro de São Miguel, o bairro das Estacas, a avenida de Roma (que era uma identidade, mesmo não sendo bairro), e Alvalade era mais a praça [de Alvalade] e a zona da avenida da Igreja. Outra coisa: quando vou à livraria Barata, que é já depois da linha do comboio, no Areeiro, sinto que ainda estou em casa. Acho que o bairro é feito pelos meus passos". ●

Ana Costa Franco mora no coração de Alvalade, trabalha em publicidade e, salvo as deslocações para a ETIC, escola onde dá aulas, as suas rotinas são quase todas no bairro. Há seis anos criou o blogue *Bairro de Alvalade*.



“Alvalade não tem cheiro a sardinha assada nem tem marcha. Não tem vielas nem ruelas escondidas, mas tem pão cozido a lenha numa esquina ali à frente e há sempre uma farmácia de serviço. E isto é apenas uma parte.”

ANA COSTA FRANCO in *blogue Bairro de Alvalade*



Augusto Fernandes é natural de São Salvador da Baía, no Brasil, e tem 49 anos. Há 14 anos que vive em Lisboa, 12 dos quais na zona do Intendente e dos Anjos (bairros Andrade e das Colónias). É fotógrafo e ativista social.

“Não sou contra os turistas; eu também sou turista na terra dos outros; não podemos ter uma Lisboa só para as gentes dos bairros, como não podemos ter uma só para turistas.”

AUGUSTO FERNANDES

NO INTENDENTE, UM FOTÓGRAFO DE INTERVENÇÃO

POR LUÍS MIGUEL CARNEIRO

Numa primeira impressão achou que a Mouraria era muito semelhante a São Salvador da Baía, pela arquitetura e pela diversidade da população.

“Foi o amor” que trouxe Augusto a Portugal, depois de se casar com uma portuguesa, mãe da sua filha Madalena, hoje com 13 anos. “Cheguei ao Intendente primeiro que o António Costa” – que mudou para aqui o seu gabinete e iniciou o processo de revitalização do bairro. “Até a essa altura, ninguém queria viver no Intendente”. “Este bairro está muito diferente, muita gente que andava desgarrada hoje está integrada e ativa”, acrescenta.

Define a sua profissão como “fotógrafo de intervenção”, o que o leva a participar em diversos projetos culturais. É com a Largo Residências – também um café, onde “se misturam as gentes antigas e novas do bairro” – que desenvolve trabalho com a comunidade. Além do trabalho desta associação, destaca o papel de outras, como a Renovar a Mouraria e a Cozinha Popular.

Todos o cumprimentam. A sua integração “foi um processo natural, pois no Brasil fui criado em bairro e sempre fui um bairrista”. Mas que bairro? “O meu bairro começa nos Anjos, no Miradouro do Monte Agudo, passa pelo Intendente e vai à Mouraria. O meu

bairro é Lisboa toda, é o mundo! Vivo o meu bairro como quem está com a família; e esta família fala várias línguas”. Pelos seus passos, o comércio local vai do sarapatel goês no Monte Agudo, ao *brunch* no café Bric, passa pelas *pizzas* de uns jovens italianos na rua Maria, pelas noites de música no bar e espaço cultural Crew Hassam, na rua Maria Andrade, pela loja de artigos *vintage* Retrox, na rua dos Anjos, e acaba, já no largo, no café das Joanas e no bolo de chocolate do cosmopolita bar Josephine. “Esta diversidade só pode ser enriquecedora, quando nós não temos preconceitos e sabemos respeitar as diferenças na universalidade do ser humano”. No Intendente e arredores vivem pessoas de oitenta nacionalidades.

UM BAIRRO EM MUDANÇA

O processo de regeneração social e demográfica da zona trouxe novos habitantes, incluindo casais jovens com qualificações (portugueses e estrangeiros), mas também muitos turistas de passagem. Este processo criou novos problemas, como os despejos de moradores tradicionais para a criação de unidades turísticas. Lamenta que a antiga Casa dos Amigos do Minho, na rua do Benfornoso, tenha sido encerrada, vítima desta dinâmica. Ou que o Sport Clube do Intendente, a agremiação mais antiga da zona, esteja em vias de sofrer a mesma sorte. Deixa o alerta: “Será que a bonita Fábrica da Viúva Lamego, com os seus exóticos painéis de azulejos, também vai ser convertida num hostel?” ●

A CIDADE ESTÁ TODA NAS AMENDOEIRAS

POR MARTA RODRIGUES

Nasceu na Madeira, mas veio para Lisboa
ainda de colo. Há mais de 40 anos que faz
deste bairro a sua casa. “Sinto-me bem aqui.”

Os primeiros tempos de vida nas Amendoeiras, antiga Zona I de Chelas, não foram fáceis. “Era um bairro um bocadinho agressivo, vinham pessoas de vários lados. Com o passar do tempo começaram a dar-se uns com os outros e a esquecer o passado, vivendo o presente. Agora é um bairro calmo.” Quando lhe perguntamos se costuma sair do bairro, diz que não, “temos tudo aqui.”

Nas suas rotinas diárias o supermercado é paragem obrigatória, mas também a Associação de Moradores onde conta sempre com a ajuda da Mafalda, funcionária da associação, para ver as novidades no Facebook. “Gosto de me manter atualizado”.

Costuma passear a pé pelo bairro, conta enquanto nos indica os trajetos: “umas vezes vou por ali, outras venho por aqui, nunca tenho sítio certo mas descubro sempre coisas novas”.

Adianta, no entanto, que passa muito tempo em casa. Casado há 57 anos com dona Gertrudes, dedica-lhe muita atenção. “Custa-lhe a andar na rua, faltam-lhe as forças, já eu sou o contrário”, diz.

Não se vê a morar noutro lado. “Tenho a minha renda em dia e enquanto for vivo estou aqui”.

Trabalhou 23 anos como carpinteiro mecânico na carpintaria da UTIC (União de Transportadores para Importação e Comércio). Do corte mecânico de grandes peças de madeira passou para o detalhe do canivete

para fazer o que injustamente chama de “bugingangas”. Trata-se, na verdade, de elaboradas obras de artesanato em madeira que já foram expostas na Biblioteca de Marvila. E quando chegámos à porta de sua casa, ficámos surpreendidos. Um laborioso trabalho de entalhe faz da porta do senhor Bugginga “a mais bonita do bairro”.

O ano passado foi-lhe atribuído o título de “Vizinho do Ano” pela Associação de Moradores do Bairro das Amendoeiras, em reconhecimento da sua cordialidade e da sua arte (da qual já saiu um presépio completo, que ofereceu ao bairro). Mas José Bugginga desvaloriza: “Não ligo muito. Gosto de estar sossegado”.

O BAIRRO DAS AMENDOEIRAS

O Bairro das Amendoeiras é constituído, na maior parte, por casas de habitação social construídas durante a década de setenta. O projeto inicial tinha a denominação de “Bairro de casas económicas de Chelas”. Após o 25 de Abril, e ao longo de 1975, as casas foram sendo ocupadas. Esse processo acabaria por ser legalizado dando origem ao que hoje se conhece como o Bairro das Amendoeiras. Aqui moram, segundo os últimos censos, cerca de 10 mil pessoas.

É neste bairro que José Bugginga criou raízes e ligações que hoje são mais fortes que nunca. Os seus vizinhos a isso atestam com simpatia. ●

José Bugginga foi “Vizinho do Ano” no Bairro das Amendoeiras, uma distinção da Associação de Moradores. Há mais de 40 anos que habita neste bairro de Marvila. Tem 77 anos.

“Tenho a minha
renda em dia
e enquanto for
vivo estou aqui.”

JOSÉ BUGINGA

UMA PRAÇA EM CADA BAIRRO

POR MARTA RODRIGUES

Quatro Urban Sketchers apresentam-nos quatro praças da cidade renovadas no âmbito do programa “Uma Praça em cada Bairro”.

LARGO DA GRAÇA

SÃO VICENTE

Onde antes havia estacionamento desordenado, há agora bancos de jardim, um coreto, uma ampla zona pedonal, mais árvores e melhor mobiliário urbano. Circulam na zona muitos moradores, e também turistas, ou não estivéssemos em plena zona histórica.

O espaço ficou mais acessível, também para pessoas com mobilidade reduzida, com piso seguro e confortável, e favorável à circulação de bicicletas, duas preocupações do programa “Uma Praça em cada Bairro”.

A intervenção abrangeu ainda a valorização da memória da muralha fernandina, a ligação pedonal do convento da Graça ao miradouro e ao Jardim Augusto Gil, bem como o restauro integral deste jardim. E o mundialmente conhecido elétrico 28, que faz o percurso entre Campo de Ourique e Martim Moniz, ganhou um terminal renovado, com a criação da Praça do Elétrico. Para Maria do Carmo, do quiosque do largo, “isto está maravilhoso, melhorou muito, trouxe mais gente ao bairro”. ☺

Área aproximada da intervenção: 15.600 m²





Pedro Cabral

Nasci (1954), vivo e trabalho em Lisboa. Licenciiei-me em Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, ESBAL. Sou casado e tenho uma filha, um filho, uma nora, um neto e uma neta. Desenho, faço vela e viagens a pé. Sou autor do blogue "Bonecos de Bolso", onde publico os meus diários gráficos, e colaboro nos blogues da Urban Sketcher e Urban Sketcher Portugal.



ALAMEDA

MANUEL RICARDO

ESPÍRITO SANTO

BENFICA / SÃO DOMINGOS DE BENFICA

Mesmo em frente ao centro comercial Fonte Nova, sob um viaduto, surgiu uma área de lazer, anteriormente usada como parque de estacionamento.

Quem por lá passa comenta: “o espaço está muito melhor do que quando só existiam carros, respira-se à vontade, é uma diferença enorme”; “a praça foi muito bem conseguida, um bom compromisso entre a necessidade de estacionamento e o espaço para as pessoas, o contraste dos quiosques tradicionais com a cidade mais contemporânea funciona muito bem”.

Com a harmonização paisagística de dois troços da estrada de Benfica – o largo do Fonte Nova e o largo do Califa [café], como são localmente conhecidos – criou-se uma grande zona de estada e lazer, através de “ilhas”: quiosque com esplanada, uma fonte, onde brincam crianças no verão, um parque infantil, jardins e um parque canino. Os passeios ficaram mais largos, o trânsito automóvel e os transportes públicos foram reordenados, e foi ainda integrada uma pista para bicicletas em articulação com a rede ciclável da cidade.

O resultado é também reconhecido internacionalmente. O projeto venceu o Prémio FAD (Fomento de las Artes y del Diseño) de Cidade e Paisagem, considerado o mais importante prémio de arquitetura na Península Ibérica. ●

Área aproximada da intervenção: 33.500 m²





André Kano

Sou português com raízes japonesas. A minha obsessão pelo desenho vem desde muito cedo e foi durante a juventude que os mestres do impressionismo tiveram influência marcante no meu modo de ver e interpretar a natureza, tornando-me assim um apaixonado pela arte pictórica. Como *sketcher*, procuro paradoxalmente, na minha forma irreverente e agitada, a descontração.

Atualmente divido o meu tempo como ilustrador, *designer* gráfico, pintor e *urban sketcher*, administrando também *workshops* e aulas de aguarela.





RUA E PRAÇA DE CAMPOLIDE

CAMPOLIDE



Isa Silva

Nasci no verão de 1966 e desde então a imaginação fez-me companhia no desenho e na criação de histórias. Frequentei a Escola de Artes de António Arroio e a ETIC. Na minha segunda vida (como gosto de salientar) redescobri o desenho, a pintura, a fotografia e a escrita. Conjugo estas paixões com trabalhos em *design* gráfico.

Sou conhecida por Marciana e já participei em várias exposições individuais e coletivas, tanto de desenho como de fotografia e pintura. Tenho alguns livros publicados e já fui autora e figurinista teatral com uma peça para infância.

Em 2014 estreei-me na arte urbana. O meu projeto de pintura mais conhecido é o das Square Faces.

Um espaço feito para as pessoas, é assim a nova Praça de Campolide. Em toda a área, os passeios foram alargados, melhorou-se a qualidade do pavimento, a zona ajardinada aumentou e reordenou-se trânsito e estacionamento.

Uma das novidades é a presença do elétrico 24. A carreira entre Campolide e o Largo de Camões (futuramente até ao Cais do Sodré) foi reativada e tem aqui a estação terminal.

Outra inovação é o jardim vertical do edifício da Valenciana (conhecida churrasqueira), que apresenta agora não umas paredes traseiras, mas um cenário verde que muda com as estações do ano.

A praça conta ainda com um parque infantil e um quiosque, e tornou-se um ponto de confluência do bairro.

A intervenção, que se estendeu a vários eixos adjacentes, permitiu a articulação entre as diferentes épocas e arquiteturas do lugar. ●

Área aproximada da intervenção:
21.300 m²



ROSSIO DE PALMA

SÃO DOMINGOS DE BENFICA

No meio do bulício da cidade, escondida por detrás da Universidade Católica, paredes meias com o eixo norte-sul, existe uma aldeia chamada Rossio de Palma.

Um lugar de pessoas como o senhor Elisiário ou a dona Isabel, que ali vivem há mais de 40 anos, mas também do Alexandre, que aguarda o fim das obras para se mudar para a casa nova, bem no centro do largo.

No Rossio de Palma, a área para peões foi aumentada, com passeios mais seguros e confortáveis, reordenou-se a circulação e o estacionamento, e foram criadas áreas de descanso que convidam à conversa entre vizinhos no final da tarde. Também a higiene urbana foi tida em conta, com a relocalização dos ecopontos e o reforço de locais de recolha. As infraestruturas de abastecimento de eletricidade, água, gás e comunicações foram melhoradas, possibilitando o enterramento de cabos, anteriormente fixados nas fachadas ou suspensos em postes.

“Agora é um bom sítio para se estar, é muito agradável. No verão, às vezes, fico um bocadinho a descansar nos bancos. Eu antes não vinha para aqui. Agora há muita gente nova”, diz-nos Verónica. ●

Área aproximada da intervenção:
5.900 m²



Manuel João Ramos

Nasci em 1960 em Lisboa. Sou antropólogo e professor no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Desenvolvo investigação em Portugal e em África, procurando conjugá-la com uma carreira paralela em artes gráficas. Complementarmente, milito pela redução do risco rodoviário e por uma mobilidade mais inclusiva.



— ROSSIO DE PALMA —

uma aldeia engolida pela cidade de betão.



centenas de pilaretes. prédios arruinados à venda
esplanadas com estudantes. obras por todo o lado.

NOVOS LOCAIS DE ENCONTRO NA CIDADE

POR SUSANA PINA*

Passeios largos, árvores, sombras, água, bancos, quiosques, parques infantis e bicicletas estão a trazer mais pessoas à rua e a mudar a paisagem um pouco por toda a cidade.

O programa “Uma Praça em cada Bairro” é um dos responsáveis pela mudança. Tem como objetivo proporcionar a todos os lisboetas um espaço público de qualidade, de fácil acesso e perto de casa. Mais conforto e segurança para os peões, acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida, redução do tráfego automóvel e incentivo à instalação de comércio e equipamentos de proximidade são preocupações comuns a todas as intervenções.

O estudo que esteve na base do programa identificou, em Lisboa, 150 “centralidades”, ou seja, ruas, largos, praças, jardins ou equipamentos que funcionam, ou poderiam funcionar, como espaços de encontro, lazer e fruição coletiva, promotores de relações de comunidade e pertença.

Depois de uma bem-sucedida experiência-piloto na avenida Duque d’Ávila, foram sinalizados 30 locais prioritários a justificar um projeto de revitalização. Este número tem vindo a ser alargado, havendo atualmente 45 locais que

integram o programa – 17 dos quais já com obra concluída.

“Uma Praça em cada Bairro”

ESTUDO



O que atrai as pessoas para o espaço público?

A organização norte-americana Project for Public Spaces (PPS) – cuja metodologia serviu de base ao programa em Lisboa – sintetiza a resposta: bancos, sol e sombra, água, restauração, ruas e passeios interligados, visibilidade, limpeza e segurança, facilidade de acesso e, ainda, “algo para se ver ou fazer”. Adianta, também, alguns indicadores para se medir o sucesso de um espaço público: ser frequentado a diferentes horas do dia, e por pessoas em grupo, atrair a presença de várias gerações, proporcionar atividades variadas, favorecer demonstrações de afeto, como beijos, sorrisos, cumprimentos, e... ser frequentado por mulheres.

conta com a participação das juntas de freguesias, de associações e, ainda, dos cidadãos individualmente, através de recolha de opiniões *online* ou em sessões presenciais. Estiveram recentemente em consulta pública e vão avançar em breve os projetos da Estrada da Luz, do Largo de São Sebastião da Pedreira, do Largo do Rilvas, na Estrela, do Largo de São Vicente, junto ao mosteiro, do Largo Rodrigues de Freitas, na Graça, e do Largo do Rio Seco, entre Ajuda e Alcântara.

DA PEQUENA PRAÇA À GRANDE AVENIDA

Além de trazerem qualidade à vida de bairro, há projetos com impacto à escala da cidade. É o caso da concluída intervenção no Eixo Central (avenida Fontes Pereira de Melo e avenida da República) ou da prevista intervenção na Praça de Espanha, com a criação de um grande parque urbano (ver páginas 46-49).

“Uma Praça em cada Bairro” complementa as grandes obras de renovação do espaço público, como as que decorreram no largo do Intendente ou na frente ribeirinha, do Cais do Sodré ao Campo das Cebolas, passando pela Ribeira das Naus e pelo Terreiro do Paço. ●

*com Luís Miguel Carneiro

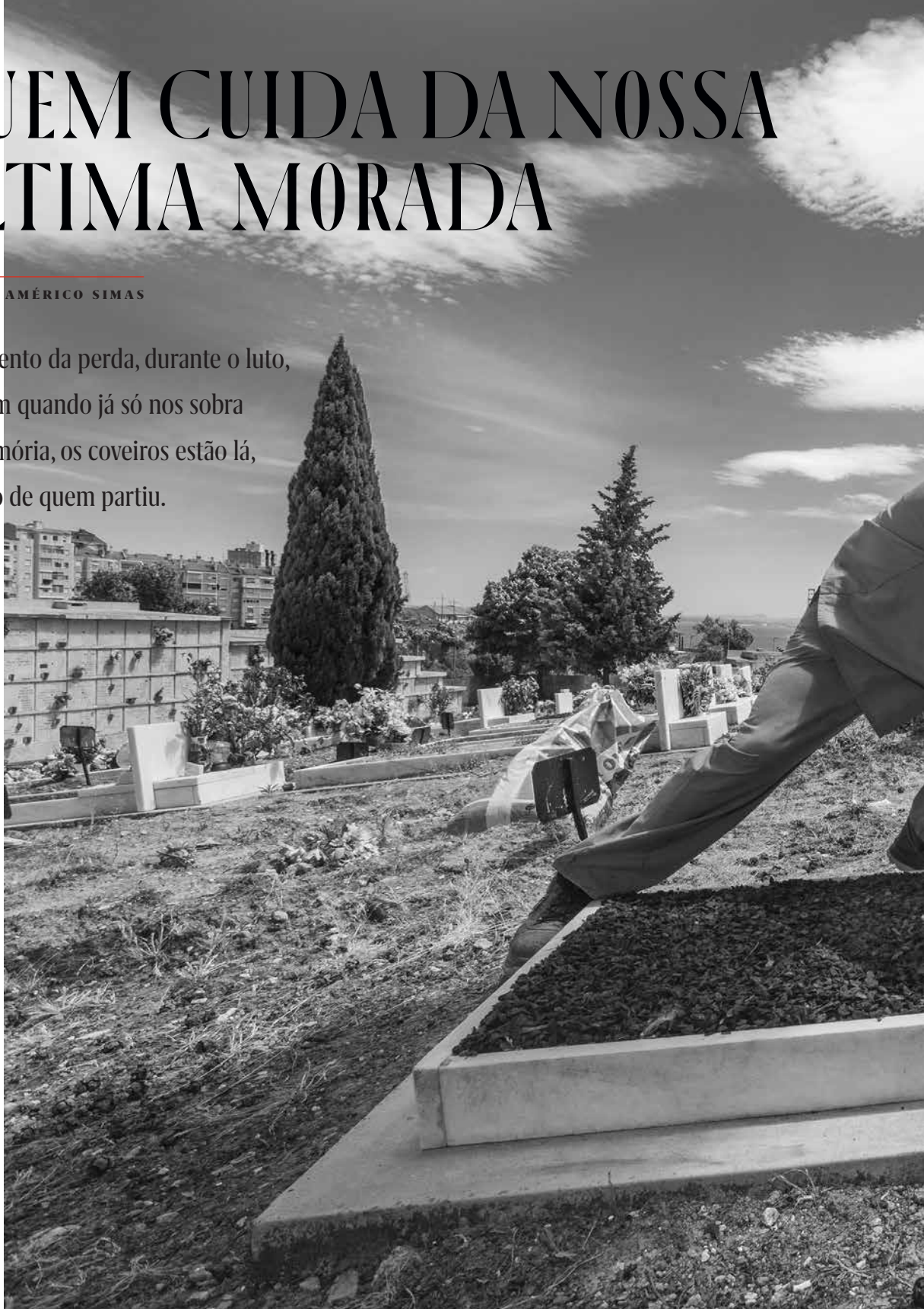
Artigos



QUEM CUIDA DA NOSSA ÚLTIMA MORADA

FOTOS DE AMÉRICO SIMAS

No momento da perda, durante o luto, e também quando já só nos sobra uma memória, os coveiros estão lá, cuidando de quem partiu.



Cemitério
do Alto de
São João.





Reportagem





Páginas anteriores:
vista geral e
limpeza de ossário
no cemitério do
Alto de São João;
interior de um
jazigo e transporte
de ossadas no
cemitério dos
Prazeres.



Cemitério do Alto de São João: forno
crematório, oficina de reparações,
urna cinerária e depósito temporário
de ossadas na antiga sala das
autópsias.





Cemitério do Alto de São João e
cemitério dos Prazeres.

CUIDADORES DE MEMÓRIAS

POR RUI BAPTISTA

São eles que acompanham os últimos momentos dos corpos, antes de descerem à terra, ao jazigo, ao fogo. Ao lado da nossa dor, quando nos começamos a despedir dos entes queridos nessas cerimónias fúnebres, a sua presença é quase invisível. Na sua função de coveiros, a humildade do recato é uma nobreza: a de acompanhar diariamente o sofrimento de quem fica, a de tratar com respeito quem parte.

São eles que cuidam dos cemitérios, na sua estranha topologia a reproduzir as formas cronologicamente diferentes de organizar o espaço, do jazigo monumental à campa rasa, das longas fiadas de *gavetões* a lembrar bairros de casas iguais. São eles quem, num tempo em que a cremação é cada vez mais comum, entregam à família o pote com as cinzas. E levantam da terra as ossadas, e delas cuidam.

Estas fotografias, na pureza inicial do preto e branco, retratam com sobriedade esse mundo de silêncio. O seu autor soube captar a essência dos que lá trabalham, todo o dia, todos os dias, perante o que fica depois de nós sairmos, depois do funeral, depois da visita aos que lá temos.

Nas suas palavras, nos coveiros “há uma espécie de vazio, uma solidão, uma frie-

za, uma distância – aparentes apenas, pois em todo o seu ser fervilha a consciência do nobre ato de cuidar daqueles que ali jazem, daqueles que um dia foram corpo e alma”. Mas o verdadeiro fotógrafo capta nas suas imagens algo mais fundo do que a superfície das coisas: nestas imagens, paira também o eterno mistério do espírito e da sua morada – última ou não.

PROFISSÃO DE RISCO

Existem em Lisboa sete cemitérios, onde trabalham mais de cem coveiros, profissão que vem sendo exercida quase exclusivamente por homens. A sua formação é singular, tal como o seu trabalho, e vem muito do acompanhamento dos colegas que há mais tempo exercem a função, além da formação profissional que a autarquia lhes vem proporcionando. O mais novo tem 25 anos, o mais velho tem 68.

A profissão é considerada de alto risco psicossocial, com condições de trabalho difíceis, havendo na Câmara um projeto de apoio permanente, com consultas de psicologia e grupos de intervenção.

Para os coveiros, nestas palavras e imagens, o nosso respeito de colegas. Para si, leitor, acreditamos que possa ser um testemunho a lembrar quem tanto o merece. ●

FAZEDOR DE IMAGENS



Américo Simas

FOTÓGRAFO

A fotografia é uma maneira de olhar o que me rodeia e de interpretar o que vejo. Outros fazem-no com palavras, mas para mim, por importantes que sejam, as palavras ficam aquém do que uma imagem transmite. A imagem é um instante, e toda a arte está em escolher esse instante: antes ou depois, era outra coisa. O instante certo é a minha verdade e procuro fixá-lo nas minhas fotos.

Fotografar Lisboa é um desafio permanente, pelas suas formas, luz... fonte de eterno debate. Lisboa está em permanente mudança, mas ao mesmo tempo há uma coisa qualquer que está sempre cá, que não muda. E os lisboetas, nas ruas, nos cafés, no seu trabalho, parecem estar sempre a pedir para ficar num retrato.

O meu trabalho sobre os coveiros nasceu numa tarde em que estive à conversa com um deles... Foi há uns anos, para um trabalho académico, e tenho continuado esse projeto até hoje, a título pessoal e como fotógrafo da Câmara de Lisboa. Espero que as minhas fotos falem por eles e que, quando nelas os vejamos, ouçam também.

MÁRIO DE CARVALHO

“OS BAIRROS DÃO IDENTIDADE ÚNICA A LISBOA”

POR LUÍS MIGUEL CARNEIRO

Nascido em Lisboa há 74 anos, o escritor Mário de Carvalho tem a obra traduzida em várias línguas. Viveu e trabalhou em diferentes bairros da cidade – o que lhe forneceu matéria-prima para muitas das suas ficções literárias.

LISBOA *Lisboeta?*

MÁRIO DE CARVALHO Nasci em Lisboa, mas os meus pais eram de Alvalade do Sado. Voltei para Lisboa com quatro anos, indo viver para a Ajuda. Ainda me lembro de descer a calçada. Vivemos em várias casas e acabámos por ir morar para um bairro impregnado de memórias republicanas, primeiro na rua Feio Terenas e depois na rua das Enfermeiras da Grande Guerra. Fiz a primária numa escola particular e conheci a zona envolvente de Sapadores e Penha de França. Com os colegas descia a rua Borges Grainha em carrinho de rolamentos.

LISBOA *Não é por acaso que o Alto de São João é o cemitério republicano por excelência.*

MÁRIO DE CARVALHO Lindíssimo, e com uma vista deslumbrante para o Tejo. Falo disso no meu último livro, *Burgueses somos nós todos ou ainda menos*.

LISBOA *Como é que foi explorar o território das vizinhanças, em criança e adolescente?*

MÁRIO DE CARVALHO Depois da primária, com dez anos, fui para o Liceu Gil Vicente.

LIVRO
A LER



Casos do Beco das Sardinheiras, 1982
É um beco na parte velha de Lisboa. Não se sabe se em Alfama ou Mouraria. As personagens que habitam o beco são 'reais', o que lhes acontece nem por isso. Um dos mais icónicos livros do autor.

Entrevista



FOTO DE MANUEL LEVITA

Mário de Carvalho, fotografado em Alfama a 8 de fevereiro de 2019

Alarguei os horizontes. Escapávamos quando havia furos ou decidíamos faltar. Íamos então correr toda aquela zona: Santa Clara, com a Feira da Ladra, e depois Alfama, com as suas escadinhas e vielas. O livro *Casos do Beco das Sardinheiras* evoca essa experiência infantil. As pessoas conviviam, abanquavam à porta a comer, falavam de janela para janela.

LISBOA *Depois passou para o Liceu Camões. Mais um grande pedaço da cidade a descobrir?*

MÁRIO DE CARVALHO Optei por letras, Direito, que não existia no Liceu Gil Vicente, e passei para o Liceu Camões. Todas as manhãs ia a pé para o Camões, em grupo, conversando. O ambiente era diferente. A turma do meu 6.º ano, em 1959, era de classe média alta. Os rapazes já usavam blazer e grande parte deles viriam a ser advogados, diplomatas e pessoas com altos cargos. Havia um grupo confesadamente nazi (cruz suástica, braço estendido), o que me chocou bastante; também havia dois judeus na turma. Não havia agressões, mas criou-se um ambiente de mal-estar. De resto, no Camões, tive acesso a bons professores, como Mário Dionísio que conseguiu, na sua distância, no seu rigor, transmitir-nos apreço pela grande literatura.

LISBOA *O Mário já estava envolvido em política ou só se envolveu quando entrou para a faculdade de Direito?*

MÁRIO DE CARVALHO Quando foi a eleição do Humberto Delgado, organizámos uma votação na nossa tur-

ma, no Gil Vicente ainda, e ganhou Humberto Delgado. Estive envolvido nisso. É uma coroa de glória.

LISBOA *E durante a faculdade?*

MÁRIO DE CARVALHO Acompanhava as atividades académicas. Já no liceu colaborava com o Cineclub Universitário. Mais tarde, viria a fazer parte da direção. Era um local de oposição à situação. Participava noutras ações culturais da associação académica, mas não tinha propriamente um intuito político. Até que um dia, a 24 de março de 1962, um colega telefona-me e diz “Mário, anda cá para cima porque isto está cheio de polícia”. Tinha sido proibido o Dia do Estudante...

LISBOA *Estamos, então, no início da crise académica de 61/62?*

MÁRIO DE CARVALHO Sim, a partir daí o movimento estudantil nunca mais parou de atuar, mesmo com repressão, com prisões. Parte dos oficiais milicianos que o regime recrutou para a guerra tinha passado por aí. O contacto desses jovens oficiais com os oficiais do quadro foi decisivo para o 25 de Abril.

LISBOA *Chegou a acabar o curso?*

MÁRIO DE CARVALHO Demorei algum tempo. Eu fui estudante voluntário, estive empregado e também passei a ter uma atividade política muito intensa, a ponto de viver praticamente em dois mundos paralelos: o mundo do dia-a-dia e o mundo clandestino. Era uma vida feita de encontros, reuniões,

“O TEU PAI FOI PRESO”

“Em 1959, já estava no Camões, aconteceu uma coisa terrível: o meu pai foi preso. Foi um choque muito forte: eu vou pela rua Forno de Tijolo acima e, no cruzamento com a Angelina Vidal, aparece-me a minha mãe do outro lado da rua sem mala, com os braços pendidos, um ar um bocado vago. Eu vou ter com ela, “mãe, o que é que se passou?”, e ela diz-me “o teu pai foi preso”. Fui encontrar a casa toda revolvida porque andaram a fazer buscas. Ainda tenho nos ouvidos o som do gradão do Aljube a fechar



“Faz-me impressão recordar que se prendiam pessoas por atividades que são hoje perfeitamente normais.”

e lembro-me da sala de visitas, os presos do lado de lá e as famílias apinhadas do lado de cá, e um guarda passando entre as duas redes.

O meu pai faria parte de uma entidade chamada Organismo das Cooperativas, composto por contabilistas, lojistas, comerciantes, isto é, a gente mais pacata do mundo. O que faziam era ter conversas, longe de qualquer agitação ou contestação. Estas pessoas estiveram ali presas vários meses até serem julgadas.”

passagens de papéis, trabalho clandestino do PCP, em Direito e não só. Foram tempos muito duros.

LISBOA *Entretanto, acaba por ser surpreendido pela polícia, já em 1971.*

MÁRIO DE CARVALHO Ao tempo, cumpria serviço militar no Lumiar. Eu estava de folga e ia para o cinema, e ao sair de casa (morava na rua Andrade) reparei que havia uns tipos parados. Levaram-me até à António Maria Cardoso, sede da PIDE, e estive onze dias sob tortura do sono. Depois fui para a cadeia de Caxias, aguardar o julgamento, deram-me a liberdade provisória, fui a julgamento e condenado a dois anos de cadeia. Recorri e fui posto em liberdade sob caução. Mais tarde, a pena foi confirmada e acabei por ir parar a Peniche, onde estive pouco tempo. Concederam-me a liberdade condicional e soube que estava indigitado para o Batalhão Disciplinar de Penamacor. De maneira que pensei que era um bocadinho demais. Sai do país, fui para Paris, onde arranjei um passaporte “aperfeiçoado”, e fui parar à Suécia, onde estive dois meses e meio.

LISBOA *Até que um belo dia...*

MÁRIO DE CARVALHO Até que um belo dia... alguém disse: “rebentou uma revolução em Portugal”. Andámos à procura de rádios com o problema de não conhecer a língua; mexemos nuns botões até que, de repente – e esta é uma sensação indescritível, das mais felizes que eu tenho na minha vida – irrompe a voz de José Afonso na rádio sueca, cantando “Grândola, Vila Morena”. A alegria que nós tivemos! Ainda as nossas coisas estavam a chegar, por barco, e já regressávamos a Portugal!

LISBOA *Como foi voltar em plena efervescência social e política?*

MÁRIO DE CARVALHO Durante muito tempo tive uma atividade política intensíssima no Partido Comunista; sentia-me em dívida porque os comunistas acreditavam na revolução democrática e eu já tinha deixado de acreditar: “isto do fascismo nunca mais acaba”. E eles tinham razão – não tendo, porque a revolução foi outra. O regime caiu e isso a eles também muito se deve. Trabalhei para o Partido, nos sectores intelectuais de artes e letras. As pessoas habitualmente têm uma ideia de rigidez no PCP, mas eram sectores muito alegres, às vezes mesmo divertidos.

LISBOA *Entretanto, chega à literatura, em 1981. Ou já vinha de trás?*

“É um privilégio viver nesta cidade tão bonita e cheia de ressonâncias”

MÁRIO DE CARVALHO Sim, vinha de trás. Em 1974/75 já estava a escrever *O Livro Grande de Tebas, Navio e Mariana*. Mas o primeiro livro que publiquei são os *Contos da Sétima Esfera*, solicitado por um grupo de amigos que tinha criado uma editora chamada Quatro Elementos Editores. Mandeí o texto do *Tebas* e fui escrevendo outros contos, que deram um livro. Foi o Ernesto Rodrigues, um escritor conhecido, que pegou no meu livro e o levou à editora Vega, que tinha publicado o Lobo Antunes. Se não tivesse sido esta circunstância, provavelmente não teria começado a escrever.

LISBOA *Os Contos da Sétima Esfera tratam uma “realidade” fantástica, de algum modo evocando Jorge Luís Borges.*

MÁRIO DE CARVALHO Ai e noutros que escrevi, como no *Tebas* e no *Casos do Beco das Sardinheiras*, ressoam ecos do realismo mágico sul-americano, do Jorge Luís Borges, mas também do Cortázar e do Gabriel García Márquez com o livro *Cem Anos de Solidão*, que marcou a minha geração. *Casos do Beco das Sardinheiras* é o resultado das minhas correrias por Alfama e Mouraria e pela zona do Castelo. É a reminiscência desses bairros.

LISBOA *Quando escreveu A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho morava para os lados do Areeiro?*

MÁRIO DE CARVALHO Morava nas Olaias, andava sempre de automóvel, coisa que hoje não faço, e todos os dias ficava engarrafado no Areeiro. Pensei: “e se de repente me entrasse por aqui uma quantidade de mouros para complicar ainda mais o engarrafamento?”

LISBOA *Recorre muitas vezes ao ambiente dos vários bairros de Lisboa, incluindo os da chamada “Lisboa moderna”.*

MÁRIO DE CARVALHO Eu gosto imensamente de Lisboa, é um privilégio viver nesta cidade tão bonita e cheia de ressonâncias. Em cada esquina encontra-se qualquer coisa que vem de trás, que evoca outras coisas. Nós vamos numa rua que parece insignificante e, de repente, aparecem imensas coisas que nos surpreendem. Há também o carácter quase ímpar de certos bairros e isso confere-lhe uma identidade única. ●

Para além da obrigatória designação comercial, tanto pode ser a “Garrafeira da rua de Timor” como a “Mercearia do Senhor João”. Porque fica no gaveto daquela rua com a de Macau – vértice de uma triangulação no Bairro das Colónias, fronteiro à rua do Forno do Tijolo – e porque o proprietário é o senhor João Carreiro, que aqui está desde 1954.

Aqui começou por existir uma padaria, em 1949. Depois foi a vez do senhor João. Veio para Lisboa em 1948, no dia em que fez doze anos, com partida do Rosmaninhal, na Beira Baixa. Nunca tinha andado de camioneta nem de comboio. Na capital, foi acolhido por uns tios, que não conhecia. Começou por trabalhar num quiosque, no Cais da Matinha, sem ordenado. Passados uns meses, soube de uma vaga como marçano num estabelecimento no Beato e para lá foi acartar cestos com as compras da clientela. Foi o início de um percurso passado ao balcão de mercearias. Na aprendizagem do dia-a-dia foram-se-lhe revelando todos os segredos da profissão.

Em determinada altura, quando estava numa mercearia em Sapadores, o patrão – um merceeiro que tinha diversas lojas, onde ia colocando os

A MERCEARIA DO SENHOR JOÃO

POR LUÍS MIGUEL CARNEIRO

Mercearia ou garrafeira? Na dúvida, e à falta de um nome para o estabelecimento, é a clientela que o batiza.

marçanos mais capazes depois de cumprirem o serviço militar – ofereceu-lhe o lugar nesta loja, com metade do lucro. Uns anos depois, já casado com a dona Georgete, foi ter com o patrão, que se tornara seu padrinho de casamento, e propôs-lhe tomar a sua parte do estabelecimento, pagando a prestações. Assim aconteceu e, ao longo da década de sessenta, com a ajuda da mulher e de dois marçanos, e da simpatia com a clientela, conseguiu firmar os seus créditos como comerciante.

Nesses anos, toda a gente se conhecia, podia-se comprar fiado e as mercearias eram, muitas vezes, a última porta aonde bater em caso de aflição. O senhor João passou a ser vizinho, ele próprio, desde que veio viver para o prédio da porta ao lado. Os tempos mudaram: só na adjacente rua de Macau existiram quatro mercearias ou lugares de hortaliça e hoje não há uma de porta aberta. As grandes superfícies, primeiro, e o desaparecimento da antiga clientela, depois, alteraram as regras do jogo.

Atualmente, adaptando-se aos novos tempos, a mercearia é-o cada vez menos e cada vez mais uma garrafeira de vinhos de qualidade. ●



Lojas com Alma



Há quase setenta anos no Bairro das Colónias, a mercearia de João Carreiro resiste ao tempo e adapta-se aos novos clientes.

PRAÇA DE ESPAÑHA UM NOVO PARQUE NA CIDADE



A Praça de Espanha, tal como a conhecemos, vai deixar de existir. Um parque urbano com ligação aos jardins da Gulbenkian trará a Lisboa uma nova centralidade.

POR PAULA CEREJEIRO

Ao longo de décadas, a Praça de Espanha tem conhecido intervenções urbanas nem sempre felizes. Agora, graças a um projeto de requalificação, que estará concluído em 2020 — ano em que Lisboa é Capital Verde Europeia —, as pessoas vão poder desfrutar de um novo espaço verde no centro da cidade.

O projeto propõe-se ligar harmoniosamente as várias zonas que envolvem a praça, garantindo a sustentabilidade ecológica de uma área de cerca de 5 hectares.

O amplo jardim relvado vai ter zonas a céu aberto e zonas protegidas da chuva e do sol, uma rede de caminhos e várias esplanadas e equipamentos desportivos. Os espaços envolventes, que até agora o trânsito automóvel separava, ficarão ligados entre si. Do jardim da Gulbenkian, vai ser possível transitar, por uma ponte pedonal, até ao centro do parque. Daí, será fácil chegar a pé ou de bicicleta à zona de Sete Rios ou ao corredor verde de Monsanto.



Urbanismo



- 1** Jardins da Fundação Calouste Gulbenkian;
- 2** Embaixada de Espanha, Palácio de Palhavã;
- 3** Escritórios do Montepio Geral;
- 4** Teatro A Comuna;
- 5** IPO.

O relvado é extenso, atravessado por um riacho. As pessoas fazem exercício. Passeiam a pé e de bicicleta. Leem e conversam nas esplanadas. Descansam os olhos no verde abundante. Vão ao teatro, a um concerto, a uma exposição. Vai ser assim a nova Praça de Espanha.

UM ESPAÇO VERDE SUSTENTÁVEL

O riacho do Rego vai voltar à superfície, retomando o seu curso natural em direção ao Vale de Alcântara. Ao mesmo tempo, a existência de uma bacia para onde convergem vários cursos de água vai permitir tirar partido de um solo rico em humidade, para enriquecer a paisagem com plantas autóctones, bem adaptadas às características naturais do lugar e mais fáceis de manter. O parque urbano da Praça de Espanha terá uma dimensão superior à do jardim da Estrela, e serão plantadas mais de 600 novas árvores.

CAMINHOS DA ÁGUA

O concurso internacional para requalificação da Praça de Espanha foi lançado em dezembro de 2016. As propostas dos nove finalistas estiveram expostas no final de 2017 na Fundação Calouste Gulbenkian, parceira neste processo desde o início. Durante um mês e meio, foram muitos os que visitaram esta exposição, puderam dar sugestões e participar em debates públicos. A proposta vencedora, “Os caminhos da água”, do ateliê NPK, Arquitectos Paisagistas Associados, foi recentemente divulgada. ●

FAZEDORES DE CIDADE



NPK, Arquitectos Paisagistas Associados

VENCEDORES DO CONCURSO INTERNACIONAL PARA A RENOVAÇÃO DA PRAÇA DE ESPANHA

Porquê o nome “Caminhos da Água”?

Há aproximadamente 80 anos, a carta geológica de Lisboa representava uma ribeira que descia a avenida de Berna, atravessava o hospital do Rego e os terrenos onde hoje existe a Fundação Gulbenkian, correndo depois para Alcântara através da atual Praça de Espanha. A ribeira, já bastante domesticada, foi progressivamente encanada, sobrando hoje quase nada da sua forma natural.

A nossa proposta, na área em que intervém, recusa a água escondida nos tubos. Procura dar valor à sua presença, respeitando e tirando partido do movimento da água, seja quando se infiltra, seja quando vem sazonalmente à superfície, recriando o seu caminho.

De que forma este novo parque irá marcar a cidade?

Por um lado, a Praça de Espanha e os quarteirões para norte são espaços que aguardam uma maior consolidação do espaço público e uma maior ligação ao centro da cidade. Esta transformação vai estabelecer novas continuidades pedonais e cicláveis, ao ‘recuperar’ o percurso da antiga estrada da Palhavã, ligando a Gulbenkian a Sete Rios. Por outro lado, o novo parque vai ampliar os lugares de coexistência, no interior da cidade, entre as pessoas e a natureza, vai tornar mais presentes os sistemas e os elementos que a sustentam, o ar, a água, o solo e a biodiversidade. MARTA RODRIGUES

A ALAMEDA DO BEATO TAMBÉM VAI MUDAR

Esta zona terá áreas dedicadas em exclusivo aos peões, um parque infantil, mais árvores e passeios, lojas e esplanadas, para proporcionar à população do Beato um espaço central qualificado de encontro e fruição. Haverá ainda o reordenamento do trânsito e do estacionamento.



O projecto é da autoria do ateliê Orgânica Arquitectura e a obra terá início no segundo semestre de 2019. Esta operação, que abrange cerca de 6 mil metros quadrados, também se enquadra no programa municipal “Uma Praça em cada Bairro”.

MEMÓRIAS DA PRAÇA DE ESPANHA

POR ELISABETE BRITO

Há ainda quem se refira à Praça de Espanha como Palhavã. Esta denominação remonta ao século XII e prevaleceu até à segunda metade do século passado.

PALÁCIO DE PALHAVÃ

Construído no século XVII, foi conhecido por alojar os “meninos da Palhavã”, filhos naturais de D. João V. Em 1918, o monumento foi adquirido pelo Estado espanhol. Permanece até hoje um *ex-libris* do local.

ESTRADAS DA CIRCUNVALAÇÃO E DO REGO

Construídas no século XIX, permitiram o desenvolvimento deste “arrabalde”.

JARDIM ZOOLOGÍCO DE LISBOA

Instalou-se em 1894 no Parque de Santa Gertrudes, onde hoje se situa a Fundação Calouste Gulbenkian. Aí funcionou até 1903.

VELÓDROMO / HIPÓDROMO

Inaugurado em 1905, no local anteriormente ocupado pelo Jardim Zoológico. Foi um recinto da moda nos últimos tempos da monarquia. Durante cerca de duas décadas, aí tiveram lugar concursos hípicas, registaram-se recordes de ciclismo e viveram-se as primeiras experiências automobilísticas na capital.

AVENIDAS DE BERNA, ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR E COLUMBANO BORDALO PINHEIRO

Construídas nas primeiras décadas do século XX, assumiram a praça como local de convergência.



FEIRA POPULAR DE LISBOA

Inaugurada em 1943, no Parque de Santa Gertrudes (atuais terrenos da Gulbenkian), onde permaneceu até 1957.

ESTAÇÃO DE METRO DE PALHAVÃ

Inaugurada em 1959, constituía o principal interface com o terminal rodoviário dos Transportes Sul do Tejo, também instalado no local.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Inaugurada em 1969. Este conjunto arquitetónico e paisagístico recebeu o Prémio Valmor em 1975 e é Monumento Nacional.

AVENIDA DOS COMBATENTES

Um dos principais acessos ao centro da cidade a partir dos concelhos limítrofes a norte. Projetada no início da década de 1970.

TEATRO ABERTO E TEATRO DA COMUNA

Instalaram-se na praça durante a década de 1970. Em 2002, o Teatro Aberto manteve-se na zona, mas mudou de instalações. A Comuna ocupou o “casarão cor-de-rosa” antigo Colégio Alemão e Lar de Mães Solteiras da Misericórdia.

MERCADO AZUL

Conjunto de contentores instalados no enfiamento da avenida Columbano Bordalo Pinheiro, que alojaram vendedores deslocados da praça Martim Moniz. Funcionou entre 1984 e 2015.

ARCO DE SÃO BENTO

Proveniente da rua de São Bento, onde foi erigido em 1758. Foi desmontado em 1938 devido à remodelação do Palácio de São Bento. As pedras foram numeradas e depositadas na Praça de Espanha para uma posterior reconstrução, o que só veio a acontecer em 1998. ●

NOVA GERAÇÃO DE HABITAÇÃO PÚBLICA

POR LUÍS FIGUEIREDO

Cerca de 75 mil lisboetas vivem em património municipal, a maior parte em bairros construídos de raiz.

A reabilitação deste património e o investimento em edifícios de nova geração estão a mudar as características da habitação pública em Lisboa.

EDIFÍCIOS SEM PARTES COMUNS

Uma das inovações das novas construções em bairros municipais é a ausência de partes comuns e a dispensa de elevadores. O desnível de cotas permite que cada piso tenha acesso direto a partir da rua. Esta solução diminui os custos de gestão e manutenção dos edifícios.

As novas habitações também estão preparadas para crescer com a família, podendo, por exemplo, um T2 ser convertido com facilidade num T3, sendo possível a construção de paredes divisórias sem pôr em causa o arejamento e a iluminação natural de todas as divisões.

Preocupações ambientais, boas acessibilidades e eficiência energética são outros atributos dos novos edifícios. A luz solar é aproveitada como fonte de energia e aquecimento, e as águas da chuva são recicladas para

FACTOS & NÚMEROS

Habitação municipal

66
bairros

3.340
edifícios

Cerca de
25.000
habitações

21

bairros municipais com obras em curso.



FOTO DE ARMINDO RIBEIRO

Habitação



Casas municipais de nova geração, no Bairro da Boavista, em Benfica. Maquete dos arquitetos Alexandre Dias, Bruno Silvestre e Luís Spranger.

As novas habitações estão preparadas para crescer com a família, podendo, por exemplo, um T2 ser convertido com facilidade num T3.

“Aqui há mais Bairro”: um contrato-programa entre o município e a Gebalis para a reabilitação de edifícios de habitação municipal, num investimento superior a 25 milhões de euros.

regas e despejos sanitários – soluções que, além de ambientalmente mais sustentáveis, permitem reduzir o valor das faturas para quem lá mora. Pessoas idosas ou em cadeira de rodas também beneficiam de pisos regulares, portas mais largas e polibans em vez de banheiras.

BAIRROS MUNICIPAIS EM RENOVAÇÃO

Estima-se que mais de 15% de residentes em Lisboa habitem em património municipal – número que será aumentado através do investimento progressivo no parque habitacional. A Gebalis é a empresa municipal responsável pela gestão da habitação pública em Lisboa. Foi criada na década de 1990 para gerir as novas urbanizações que puseram fim aos aglomerados de barracas, onde viviam cerca de 20 mil famílias. Atualmente tem em curso o programa de requalificação de bairros municipais “Aqui há mais Bairro”, representando um investimento de 25 milhões de euros.

Bairro Padre Cruz, em Carnide. A reabilitação implica um investimento de 40 milhões de euros.



BAIRRO DA CRUZ VERMELHA

O novo Bairro da Cruz Vermelha, na freguesia de Santa Clara, já está em construção. Terá 130 habitações e vem substituir o antigo bairro, atualmente bastante degradado, na vizinha freguesia do Lumiar. A existência de uma horta associada a cada habitação é uma das inovações destes projetos de nova geração. Orçamentado em cerca de 11,5 milhões de euros, o empreendimento localiza-se no Alto do Lumiar, zona também conhecida por “Alta de Lisboa”. Esta zona ocupa, no seu conjunto, cerca de 300 hectares de terreno, compreendidos entre a segunda circular, o aeroporto da Portela e o eixo norte-sul.

BAIRRO PADRE CRUZ

Localiza-se em Carnide e é considerado o maior bairro de habitação social da Península Ibérica e um dos maiores da Europa. Aqui vivem cerca de 6.500 pessoas. Uma zona de casas de alvenaria, com 2 mil habitantes e mais de cinquenta anos de desgaste, está a ser integralmente

substituída por novas construções. Além deste projeto, está prevista a reabilitação de todo o bairro, o que implicará um investimento global de 40 milhões de euros.

As novas casas, que começaram a ser entregues às famílias em setembro do ano passado, representam a primeira construção de habitação municipal desde o PER, programa de realojamento que há duas décadas pôs fim aos bairros clandestinos em Lisboa.

BAIRRO DA BOAVISTA

Este bairro de Benfica, construído há 75 anos, vai ter no total 500 casas da nova geração. Já foram demolidas 70 habitações degradadas e construídas 50 casas unifamiliares. Este processo teve início em 2016 e prossegue, representando um investimento superior a 25 milhões de euros. Cerca de 450 famílias, das 1.500 que habitam o bairro, vivem em casas de alvenaria. As novas construções, também em alvenaria para manter as características do bairro, foram projetadas recorrendo a modernas soluções construtivas, energéticas e ambientais. ●

EB dos Coruchéus, Alvalade.



ESCOLAS NOVAS

Construção de novas escolas e renovação das existentes estão a melhorar as condições de ensino e aprendizagem em Lisboa.

Centenas de crianças em idade pré-escolar e do primeiro ciclo, e respetivos professores, das cerca de 80 escolas tuteladas pela autarquia já sentiram as mudanças introduzidas pelo Programa Escola Nova: espaços remodelados, com mais e melhores equipamentos, maior segurança e conforto.

Além da reabilitação integral ou parcial dos edifícios, o programa incluiu a construção de dez novas escolas, suprimindo carências nalgumas zonas da cidade. Das escolas construídas de raiz, oito são jardins de infância ou têm essa valência integrada e sete são escolas básicas do primeiro ciclo.

O Programa Escola Nova, iniciado em 2008, prevê um total de 131 intervenções no parque escolar municipal. Muitas dessas intervenções já foram concluídas, tendo sido já realizado o grosso do investimento previsto: 136,40 milhões de euros.

Este projeto é cofinanciado pelo FEDER no âmbito do PAC-TO 2020.

Escolas recentemente reabilitadas:

EB dos Coruchéus

– Freguesia de Alvalade

Os espaços exteriores e de recreio foram qualificados. Há agora uma horta, áreas equipadas para a prática desportiva e um novo espaço de biblioteca, adaptável a diferentes atividades pedagógicas. O refeitório foi renovado, bem como a cozinha, que tem agora novos equipamentos permitindo a confeção local das refeições.

Jardim de infância Alexandre Rodrigues Ferreira

– Freguesia da Ajuda

Agora com capacidade para 150 crianças, tem seis salas de aula, uma cozinha com refeitório, novas casas de banho, um espaço exterior ajardinado, requalificado e com novos equipamentos.

EB Sampaio Garrido

– Freguesia de Arroios

Depois de uma reabilitação profunda, esta escola no Bairro das Colónias reabriu este ano lectivo para 160 alunos e professores. Conta agora com salas de aula equipadas, refeitório, cozinha, biblioteca, ginásio, espaços lúdicos e campo de jogos. ●

PROGRAMA ESCOLA NOVA EM NÚMEROS

Intervenções concluídas

- 10 Construções novas (15.058.471€)
- 22 Beneficiações gerais (34.447.592€)
- 12 Construções e reformulações de cozinhas e refeitórios (2.690.501€)
- 8 Substituições de telhados (1.403.870€)
- 12 Qualificações dos espaços exteriores (2.422.502€)
- 16 Outras beneficiações parciais (2.039.903,63€)

Intervenções em curso



FREGUESIA DE ALVALADE

EB Dom Luís da Cunha
EB Bairro São Miguel

FREGUESIA DO BEATO

EB Eng.º Duarte Pacheco

FREGUESIA DE BELÉM

EB Caselas
EB Bairro do Restelo
EB Moinhos do Restelo

FREGUESIA DE MARVILA

EB Luiza Neto Jorge
EB Professor Agostinho da Silva

FREGUESIA DOS OLIVEAIS

EB Arco-Íris
EB Santa Maria dos Olivais
EB Nº 36

FREGUESIA DE PENHA DE FRANÇA

EB Arq. Vítor Palla
EB Professor Oliveira Marques

FREGUESIA DE SANTO ANTÓNIO

EB Luísa Ducla Soares

FREGUESIA DE SÃO DOMINGOS DE BENFICA

EB Frei Luís de Sousa

NOVOS AUTOCARROS E CARREIRAS DE BAIRRO

POR MAFALDA FERRAZ

Até ao final do ano, 250 novos autocarros integrarão a frota da Carris, 90 dos quais já chegaram a Lisboa.

Este investimento permite à Carris reforçar o número de veículos em circulação, substituir autocarros obsoletos e poluentes e criar novas carreiras, nomeadamente as "carreiras de bairro".

Com mais autocarros disponíveis é possível diminuir tempos de espera e repor alguns horários noturnos e de fim de semana que tinham sido suprimidos. Estes autocarros de última geração diminuirão em 40% a emissão de partículas poluentes da frota, beneficiando a qualidade do ar.

Outro dos ganhos vai para o transporte de pessoas com mobilidade reduzida, já que todos vêm equipados com rampa de acesso, além de proporcionarem uma viagem mais segura e confortável. Têm ainda painéis de informação eletrónica e serviço *wi-fi*. Uma aplicação informática – App Carris – permite planejar viagens e aceder a informação horária em tempo real.

O QUE SÃO "CARREIRAS DE BAIRRO"

São carreiras que servem as mobilidades locais, unindo pontos-chave da vida do bairro, como mercados, centros de saúde, equipamentos desportivos, escolas, farmácias e eixos comerciais. Facilitam ainda as deslocações até às estações de metro e paragens que ligam o bairro ao resto da cidade.

Nas freguesias de Marvila, Olivais, Santa Clara, Parque das Nações, Belém, Ajuda e Alcântara já se "apanham" autocarros de bairro. Até ao final do ano estarão disponíveis 27 destas novas carreiras em várias zonas da cidade.

As "carreiras de bairro" estão abrangidas pelos títulos de transporte da Carris ou podem ser utilizadas em exclusivo mediante a aquisição de um passe próprio com custo de 10 euros, válido por 30 dias. ●



FOTO DE NUNO CORREIA

MOBILIDADE NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA

*Passes únicos e redução dos custos de transporte,
a partir de abril*

Com a criação de um passe único (Navegante), válido em toda a Área Metropolitana e para todos os operadores, o acesso ao transporte público fica mais simples e os custos reduzem-se significativamente. Esta medida diminuirá o número de carros particulares que diariamente entram em Lisboa – atualmente mais de 370 mil – e facilita a mobilidade dentro da região.

NOVOS PREÇOS

Passes Metropolitanos

LISBOA + 17 CONCELHOS

€40/mês

Passes normais

€30/mês

Jovens entre os 12 e os 18 anos e estudantes até aos 23 anos, inclusive

€20/mês

A partir dos 65 anos, inclusive

€80/mês

Passes família, válidos para todo o agregado (a partir de julho)

€20 ou 30/mês

Passes sociais+ (consoante o rendimento)

Gratuito

Crianças até aos 12 anos, inclusive

Passes Municipais

LISBOA

€30/mês

Passes normais

€22,5/mês

Jovens entre os 12 e os 18 anos e estudantes até aos 23 anos, inclusive

€15/mês

Reformados

€60/mês

Passes família, válidos para todo o agregado (a partir de julho)

€15 ou 22,5/mês

Passes sociais+ (consoante o rendimento)

Gratuito

Crianças até aos 12 anos, inclusive

O LIXO BOM DA COMPOSTAGEM DOMÉSTICA

POR JOSÉ MANUEL MARQUES

Quem tem quintal, logradouro ou jardim pode transformar lixo em fertilizante.

A autarquia dá compostor e formação.

“Cheira bem, vejam lá”, diz-nos Luísa Coelho enquanto remexe numa caixa de tamanho médio colocada no quintal: um compostor que recebeu da autarquia no âmbito do projeto “Lisboa a Compostar”. E pega com as mãos num pedaço de composto: “Olhe ali os bichinhos a fazerem o seu trabalho, este já está pronto.”

Luísa é técnica de Ambiente e vive desde 2004 nas Olaias, num daqueles prédios mais antigos, com um logradouro dividido por cantões entre vizinhos, onde outrora era frequente a criação de galinhas e coelhos para consumo doméstico.

Desde que ali chegou fazia-lhe confusão o facto de se deitarem ervas e folhas das árvores no lixo. “A vocação [para aproveitar resíduos] é de raiz, sou de São Pedro do Sul e passei a vida toda no campo, portanto ver pôr erva no lixo... isso não existe. A compostagem faz-se desde sempre, não se inventou agora.”

A ideia é não deitar matéria orgânica para o lixo comum e aproveitá-la “para dar origem a uma substância que vai valorizar o solo”, explica. Começou por fazer compostagem em pilha com os resíduos de jardim, e o “Lisboa a Compostar” deu-lhe a oportunidade de melhorar o sistema. “É mais contido e é mais fácil manter a temperatura e a humidade necessárias”, conclui.

O prédio tem nove apartamentos, mas por agora só Luísa faz compostagem, com uma vizinha que aproveita também a caixa para depositar o lixo do seu jardim. O composto, esse é utilizado nas muitas plantas do logradouro: um limoeiro, uma nespereira, um chuchuzeiro, couves, alecrim, hortelã, manjeriço, alhos, flores e pequenos brotos em vaso, como alguns abacateiros que decidiu semear. ●



PROGRAMA MUNICIPAL

Lisboa a compostar

O programa já conta com um número superior a 2.200 inscrições e foram entregues mais de 1.100 compostores. A entrega do compostor faz-se após a frequência de uma ação de formação obrigatória, havendo um acompanhamento posterior por parte dos serviços municipais. Estão também a ser instalados compostores comunitários em algumas zonas da cidade, destinados a munícipes que não têm condições para fazer compostagem doméstica, mas que querem contribuir com a reciclagem dos seus lixos orgânicos.

Mais informações em:
lisboaacompostar.cm-lisboa.pt.

Registos



Quem é responsável pela limpeza da cidade?

A CÂMARA MUNICIPAL

- Recolhe o lixo dos contentores que instala.
- Fornece contentores para o lixo doméstico e equiparado.
- Recolhe o lixo volumoso (*monstros*), mediante agendamento prévio.
- Varre e lava avenidas e ruas principais.
- Limpa *graffiti* e publicidade ilegal.
- Instala e lava papeleiras.
- Limpa terrenos camarários vazios.
- Desinfesta e faz o controlo de pragas em espaço público.

A JUNTA DE FREGUESIA

- Varre e lava ruas e passeios.
- Limpa as sarjetas.
- Despeja as papeleiras.
- Corta as ervas dos passeios.

OS RESIDENTES

- Separam o lixo.
- Fecham bem os sacos do lixo indiferenciado (no papelão e vidro não usam sacos).
- Mantêm as tampas dos contentores fechadas.
- Respeitam os dias e horas estipulados para a sua zona para pôr e recolher os contentores da rua.
- Asseguram a limpeza dos contentores dos prédios.
- Pedem à Câmara para

EXPLICADOR DE LISBOA

QUE FAZER COM TANTO LIXO?

substituir contentores danificados ou desaparecidos.

- Apanham os cocós do cão e metem-nos no lixo comum ou nas papeleiras, em sacos fechados.
- Não abandonam na rua sacos do lixo, entulho de obras, lixos resultantes da limpeza de jardins ou objetos volumosos (*monstros*), mesmo que seja junto de contentores ou ecopontos.
- Agendam com a Câmara a recolha pontual de resíduos (até 1m³).

OS COMERCIANTES

- Não abandonam caixas de cartão e embalagens à porta dos estabelecimentos (a não ser no âmbito do sistema implementado na sua área, e autorizado pela CML).
- Nas esplanadas, disponibilizam cinzeiros e caixotes de lixo; e não deixam restos de comida para pombos ou outros animais errantes.
- Agendam com a Câmara a recolha pontual de resíduos (até 1m³).

Como devo separar os lixos?

CONTENTOR AMARELO SIM

Embalagens para alimentos líquidos (do tipo tetra brik) – pacotes de leite, sumo ou vinho –, garrafas de plástico, latas de bebidas e de conservas, tampas e carcasas de metal, embalagens de iogurte, aerossóis, esferovite que vem dentro das caixas de eletrodomésticos.

NÃO

Aparelhos elétricos, pilhas ou brinquedos.

CONTENTOR AZUL SIM

Revistas e jornais, caixas de cartão desmanchadas e espalmadas, papel impresso, caixas de ovos.

NÃO

Papel sujo, guardanapos usados ou fraldas, papel vegetal e de alumínio, caixas de pizza, pratos de papel, papel plastificado ou autocolante.

CONTENTOR CINZENTO SIM

Restos de comida, fraldas, toalhetes, papel de cozinha usado, papel vegetal e alumínio.

NÃO

Todos os materiais que possam ser reciclados.

VIDRÃO

SIM

Garrafas, frascos e boiões de vidro, sem tampas, sem carcasas e sem rolhas.

NÃO

Lâmpadas, cristais, loiças, pirex, objetos de cerâmica, vidros de janelas ou espelhos – estes materiais não podem ser reciclados porque precisam de mais calor para fundir do que as garrafas de vidro; deve colocá-los no lixo comum para serem incinerados e transformados em energia.

Porque é que os ecopontos estão a ser substituídos pela recolha seletiva porta a porta?

A recolha porta a porta é mais cómoda para os munícipes porque evita deslocações; faz aumentar a taxa de reciclagem; evita situações de insalubridade pela acumulação indevida de lixo no exterior dos ecopontos; e reduz o impacto negativo destes equipamentos no espaço público.

A Câmara vai instalar mais contentores subterrâneos?

A autarquia está a investir neste tipo de solução, mas só é possível em grandes áreas sem obstáculos à superfície ou no subsolo, e em locais que permitam as manobras das viaturas de remoção.

Não temos espaço suficiente para arrumar todos os contentores dentro do prédio.



Rua João Ortigão Ramos, Benfica.

O que fazemos?

O tipo de equipamento a atribuir a uma determinada habitação é definido previamente pelos serviços da CML, de acordo com as características do edifício e da sua envolvente (o sistema de deposição por sacos vai acabar até 2020). No entanto, a autarquia está disponível para reavaliar situações específicas.

Os contentores do meu prédio não chegam para acondicionar todo o lixo. O que fazemos?

Verifique se todos os residentes acondicionam o lixo de forma adequada, ou seja, se espalham as embalagens e os plásticos para ocuparem menos espaço. Caso haja uma acumulação de resíduos fora do comum, e os contentores estejam cheios, guarde o seu lixo

em casa até à recolha camarária seguinte. Se o problema persistir, contacte os serviços camarários para ajudar na solução.

Tenho um computador velho que quero deitar fora, como faço?

Computadores, telemóveis ou pequenos eletrodomésticos que têm reparação podem ser entregues a instituições de solidariedade social. Se chegaram ao fim da sua vida útil, devem ser depositados num eletrão. Mas não se esqueça: na compra de novos eletrodomésticos, as lojas têm de aceitar os velhos para reciclagem.

O que faço a lâmpadas, pilhas e baterias usadas?

Deposite-as nos centros de recolha da cidade e nos operadores autorizados (pilhões e eletrões). Também pode entregar

nas lojas que habitualmente as comercializam.

E a roupa usada?

Há contentores de recolha de roupa na rua. Há também lojas que as recebem para reciclagem, qualquer que seja o seu estado. Se ainda forem prestáveis pode doá-las a uma instituição de solidariedade social.

Que faço aos óleos usados?

Nunca os despeje no lava-louças nem na sanita. Deposite-os num oleão.

O que faço aos medicamentos fora de prazo?

Não os ponha no lixo. Entregue-os na farmácia mais próxima.

Para saber mais:

Lixo volumoso:
808 203 232

Regras de separação de lixo:
cm-lisboa.pt/viver/higiene-urbana

Locais de receção de resíduos:
cm-lisboa.pt/viver/higiene-urbana/recolha-de-residuos/locais-de-rececao-de-residuos.
valorsul.pt

entrajuda.pt
(eletrodomésticos e aparelhos eletrónicos reutilizáveis)
amb3e.pt/reciclar/locaisrecolha/
(rede Eletrão)

Compostores:
lisboaacompostar.cm-lisboa.pt

Participação de problemas em espaços públicos:
naminharualx.cm-lisboa.pt

Contactos:
Tel. 218 170 552 - 808 20 32 32 /
municipe@cm-lisboa.pt / Lojas Lisboa – Serviço de atendimento municipal.



DEZ MEDIDAS CONTRA O LIXO

A autarquia levou a discussão pública de novas medidas para melhorar a limpeza da cidade. O crescimento do turismo e do emprego fez aumentar a produção de resíduos. E para grandes males, grandes remédios. De acordo com o previsto, as medidas entrarão em vigor no segundo semestre deste ano.

1 Transferência de mais 10 milhões de euros por ano para as juntas de freguesia, destinados ao reforço da limpeza de ruas – 7,6 milhões de euros provêm da taxa turística e 3,6 milhões de verbas municipais.

2 Contratação de 300 cantoneiros, o que representa um aumento de 50 por cento da força de trabalho.

3 Recolha de lixo ao domingo em dez freguesias (S^{ta} Maria Maior, Estrela, Misericórdia, S^{to} António, São Vicente, Avenidas Novas, Alcântara, Arroios, Penha de França, Campo de Ourique).

4 Duplicação dos contentores subterráneos. Atualmente estão instalados 150, passarão a ser 300.

5 Fim da recolha por sacos em bairros históricos e instalação de contentores comunitários (durante este ano, no Bairro Alto, Alfama e S^{ta} Catarina; em 2020, na Mouraria, Madragoa e Mercês).

6 Obrigatoriedade de instalação de papeleiras junto às caixas Multibanco e esplanadas; cinzeiros também nas esplanadas e nas entradas dos edifícios de

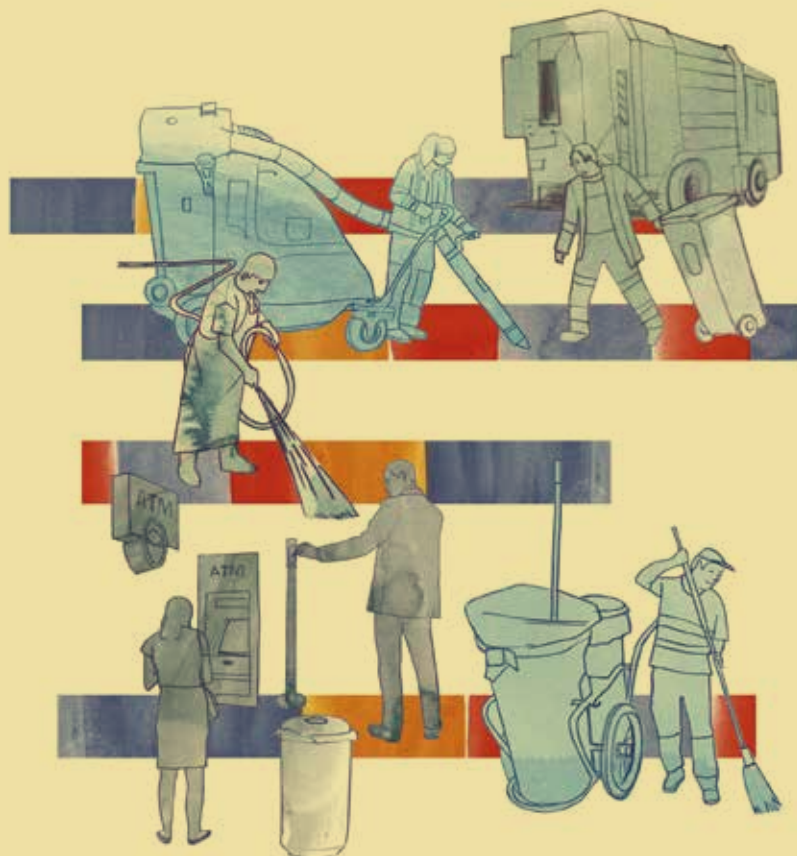
serviços, hotéis e similares, incluindo alojamento local.

7 Responsabilização dos estabelecimentos comerciais, de restauração e de hotelaria pela limpeza da via pública nas suas áreas circundantes (num raio de dois metros).

8 Proibição de plástico descartável em espaços públicos, particularmente os copos.

9 Lançamento de uma campanha de sensibilização, em colaboração com a Valorsul, para a promoção de comportamentos ambientalmente corretos.

10 Aumento das multas por violação de regras de higiene urbana, com agravamento específico para as atividades comerciais. A cobrança das coimas ficam a cargo das juntas de freguesia.



Cultura e Património

ARTE

CONTEMPORÂNEA

Na galeria do Torreão Nascente da Cordoaria decorre a exposição 'Criteria', com curadoria de Miguel von Hafe Pérez. As cerca de 40 obras apresentadas pertencem à coleção de arte contemporânea da Fundación Arco. Integra nomes como Ana Jotta, Francisco Tropa, Helena Almeida, Jorge Molder, Pedro Cabrita Reis e Vasco Araújo, além de vários artistas internacionais. A exposição pode ser visitada até 21 de abril.

VICENTE. O MITO EM LISBOA

No Museu de Lisboa – Palácio Pimenta, peças dos séculos XV a XVII articulam-se com linguagens artísticas contemporâneas, pondo em destaque as várias dimensões e atualidade do mito vicentino. Em paralelo, há visitas orientadas, um percurso performativo, conversas com especialistas e, no dia 16 de março, foi lançado o livro ilustrado *Vicente. Símbolo de Lisboa. Mito Contemporâneo*, com ensaios de José Tolentino Mendonça, José Eduardo Franco, José Sarmiento de Matos, entre outros.

A exposição, coproduzida pelo Museu de Lisboa e pelo Projecto Travessa Ermida, tem

MEMÓRIAS DE BAIRRO



Oficinas comunitárias

BIBLIOTECAS AJUDAM A PRESERVAR A MEMÓRIA

Lembra-se de como era Lisboa há 30 ou 40 anos? As Bibliotecas de Lisboa fazem a pergunta. Através de testemunhos dos habitantes mais antigos, querem recuperar memórias biográficas associadas aos lugares.

São narrativas na primeira pessoa, registadas em vídeo, que traduzem o percurso individual, único e irrepetível de cada um. Nessas histórias de vida expressa-se a experiência pessoal e a experiência coletiva; evoca-se o património material, edifícios, ruas, lojas..., e o património imaterial, como modos de falar, de sentir, de fazer. Partilham-se testemunhos, mas também objetos, documentos, fotografias, correspondência, diários, materiais impressos.

É um projeto com ganhos mútuos. A biblioteca preserva e promove a cultura local em toda a sua diversidade e enriquece o seu espólio através dos registos audiovisuais e da constituição de um arquivo digital. Por outro lado, os mais idosos sentem que os seus saberes e memórias são relevantes, e poderão encontrar na biblioteca do seu bairro uma porta aberta contra a solidão.

Este projeto decorre na Biblioteca da Penha de França (onde se iniciou em 2015) e na Biblioteca de Marvila (desde 2017). Está previsto o seu alargamento a outras bibliotecas da Rede de Bibliotecas de Lisboa. ●

curadoria de Mário Caeiro e decorre até 28 de abril.



SONS PELA CIDADE

Ciclo de concertos de música clássica, com entrada livre, em vários locais da cidade: Arroios, Belém, Carnide, Lumiar, Parque das Nações, Santo António, São Domingos de Benfica e São Vicente. Uma iniciativa cultural descentralizada, a decorrer até junho, com organização da Câmara Municipal de Lisboa em colaboração com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e as juntas de freguesia. Programação em agendalx.pt.



BERTRAND DO CHIADO

A livraria mais antiga do mundo, ainda em funcionamento, é agora uma loja com história, de facto e de direito. O programa

municipal “Lojas com História” atribuiu-lhe esta distinção, integrando-a numa lista de quase 80 espaços comerciais na cidade de Lisboa que se destacam pela sua importância cultural e histórica. Este programa foi criado em 2015 para valorizar e proteger o comércio tradicional.

Desporto



LISBOA + 55

Programa gratuito de atividade física que “põe a mexer” quem tem mais de 55 anos e está interessado em combater o sedentarismo e quer investir no seu bem-estar físico e social. É promovido pela Câmara Municipal e conta com a participação de juntas de freguesia e associações locais interessadas em se associar ao programa. Além de atividades físicas, há acompanhamento na área da nutrição e formação para a prevenção das doenças associadas ao envelhecimento.

Mais informações: 213 501 332 (tel) / lisboa-mais55@cm-lisboa.pt (e-mail)

OLISIPOGRAFIA



Lembrar Sarmiento de Matos

...E JÚLIO DE CASTILHO, DOIS OLISIPOGRAFOS

Poucas cidades do mundo mereceram tantos estudos como Lisboa, rivalizando com as principais cidades italianas e Paris. Mas só Lisboa tem um ramo do saber dedicado a si: a olisipografia.

Júlio de Castilho (1840-1919) é considerado o fundador da olisipografia, autor de obras como *Lisboa Antiga* (dividida nos múltiplos volumes de *Bairros Orientais* e *O Bairro Alto*) ou *A Ribeira de Lisboa*. Sucederam-lhe muitos discípulos, como Augusto Vieira da Silva, Gustavo Matos Sequeira, Norberto Araújo ou Luís Pastor de Macedo, entre tantos outros. No centenário da sua morte, o Museu da Cidade – Palácio Pimenta (localizado no Campo Grande) apresenta uma exposição sobre o ilustre investigador. Até ao dia 19 de maio, de terça a domingo.

Outro grande vulto da olisipografia foi José Sarmiento de Matos (1946-2018). Oriundo da história de arte e arquitetura, dedicou-se à sua paixão pela cidade quando lhe encomendaram o estudo sobre uma casa senhorial, que estendeu ao estudo do bairro (*Uma Casa na Lapa*). Deixou obras de excecional mérito, como *A Invenção de Lisboa* (dois volumes), *Casa Nobre do Braço de Prata* ou *Sons de Lisboa*. Responsável pela divulgação da zona oriental de Lisboa no âmbito da Expo'98, lançou os dois guias históricos *Caminhos do Oriente*. Pouco antes de morrer recebeu da autarquia a Medalha Municipal de Mérito. Mas o grande preito ao autor teve lugar numa sessão de homenagem que decorreu no Museu da Cidade com o anúncio da reedição, para breve, da sua obra completa. ●

OLISIPÍADAS

Estes jogos, que vão já na 5.ª edição, mobilizam milhares de crianças e jovens, dos 6 aos 14 anos, numa competição em diversas modalidades, incluindo o desporto adaptado a jovens com deficiência. As fases locais, organizadas pelas freguesias, decorrem até maio. No início de junho, disputa-se a fase final. As Olisipíadas promovem a prática da atividade física e os bons hábitos alimentares.

Ambiente e Espaços Verdes



INTERNET NOS JARDINS Jardim do Príncipe Real, jardim da Estrela, jardim da Parada, Parque das Conchas e Ribeira das Naus são as primeiras cinco zonas verdes da capital a dispor de *wi-fi* de livre acesso. A medida resulta de um projeto vencedor do Orçamento Participativo de Lisboa e prevê-se que seja alargada a outros espaços da cidade.

ADAMASTOR

O miradouro de Santa Catarina, também co-

nhcedido como jardim do Adamastor, tem projeto de requalificação: melhores espaços verdes, mais segurança, mais iluminação e uma área envolvente remodelada. O projeto, apresentado em fevereiro, pretende valorizar este espaço de fruição pública, acautelando o bem-estar dos residentes.

Urbanismo e Espaço Público

“NOVO” PAÇO DO LUMIAR

Espaço público de qualidade onde apetece estar e passear, corredor para peões e bicicletas, menos presença do automóvel, ordenamento do estacionamento, melhor iluminação pública e saneamento são algumas das medidas deste projeto para devolver o Paço às pessoas. As obras começam em breve.

Direitos sociais

TELEFONE COM AJUDA

Serviço gratuito de teleassistência que pretende combater a solidão e auxiliar, nas suas casas, pessoas com mais de 65 anos ou portadores de deficiência e doença crónica. Através de um simples aparelho telefónico os utentes podem comunicar situações de emergência 24 horas por dia, 7 dias por semana. Até ao momento, foram disponibilizados 1.200

aparelhos e um grupo de voluntários acompanha 280 pessoas. Mais informações em *bit.ly/2UanBi8*

Vida local

TROCA A DAR

Em Alfama, pessoas em situação de vulnerabilidade e risco de exclusão (devido a solidão, problemas mentais, pobreza, desintegração) participam num sistema de trocas, apoiados por jovens universitários (tutores). No banco de trocas cada um põe ao dispor da comunidade local as suas capacidades, bens e experiências, promovendo a entajuda e o convívio. Este projeto é financiado pelo programa municipal BIP/ZIP – Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária.

Transportes

VIAJAR SEM CARREGAR

Agora já é possível viajar nos transportes da Grande Lisboa sem ser preciso carregar previamente o título de transporte. O novo serviço chama-se Viva Go e vem facilitar a vida a quem utiliza ocasionalmente os transportes. Basta ter o Cartão Lisboa Viva e associá-lo a um cartão multibanco. Esta opção de pagamento poderá ser utilizada na Carris, CP, Fertagus, Metropolitano de Lisboa, Metro Transportes do Sul, Transtejo e Soflusa.

APP LISBOA VIAGEM

Toda a informação prática sobre transportes públicos na região de Lisboa está disponível na App Lisboa Viagem da Transporlis: percursos, paragens, horários e tarifas acessíveis a partir de telemóvel ou *tablet*. Esta aplicação, de utilização gratuita, resultou de uma parceria entre vários operadores de transporte e Câmaras Municipais.

Grandes eventos



CONFERÊNCIA VELO-CITY

Lisboa foi selecionada para organizar, em 2021, a conferência Velo-City promovida pela Federação Europeia de Ciclismo. Este encontro é considerado uma referência mundial no planeamento e promoção da bicicleta, como atividade desportiva e recreativa, e como meio de transporte. Nesse mesmo ano a cidade será também Capital Europeia do Desporto.

JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE

Lisboa acolhe em 2022 as Jornadas Mundiais da Juventude, presididas pelo Papa Francisco. Este

acontecimento, que se concentrará, sobretudo, na zona oriental da cidade, reunirá centenas de milhares de jovens de todo o mundo durante cerca de uma semana.

Participação

DECIDE, QUEM VOTA

Todos os cidadãos, residentes ou não em Lisboa, maiores de 16 anos, podem votar em dois projetos que querem ver concretizados na cidade. A fase de votação do Orçamento Participativo decorre de 11 de março a 28 de abril. Estão disponíveis para investir 2,5 milhões de euros: 1 milhão de euros em projetos estruturantes e 1,5 milhão de euros em projetos locais distribuídos por cinco áreas da cidade: centro, centro histórico, zona norte, zona oriental e zona ocidental. Consulte o portal e vote: www.lisboaparticipa.pt

A Lisboa errou

Na última edição da Lisboa, no artigo “Aqui há arte – Escola Manuel da Maia”, referimos, por lapso, a JF de Campolide em vez da JF de Campo de Ourique. Também no artigo “O rei das borrachas”, a conhecida loja foi situada na freguesia de Arroios, quando efetivamente se localiza na freguesia de Penha de França. Pedimos desculpa às instituições implicadas.



RUI ABREU UMA CIDADE NUMA LETRA

Desenhou um novo tipo de letra, uma fonte, na gíria gráfica. Chama-se Lisboeta e com ela se faz o logotipo da revista Lisboa.

Como chegou a esta profissão? O interesse por tipografia surgiu enquanto estudava Design de Comunicação na Faculdade de Belas Artes do Porto. Acho que nessa altura interiorizei muito rapidamente que a tipografia é a base do *design* gráfico. Era nela que estavam as respostas para qualquer projeto. Comecei a prestar atenção às fontes e não demorou muito até tentar desenhar letras. Em 2006 lancei os meus primeiros tipos de letra. Ganhei alguns prémios, e em 2012 passei finalmente a dedicar-me a tempo inteiro a esta atividade

Qual é a sua relação com Lisboa? Mudei-me para Lisboa em 2007. Lisboa é muito diferente do Porto em muitos aspetos, o que faz de mim um

estranho nesta cidade, ainda hoje. Lembro-me de nos primeiros anos andar constantemente atento. Era uma paisagem urbana complexa, multicultural, tradicional e cosmopolita simultaneamente. Inevitavelmente, os meus percursos diários começaram a tornar-se uma *caça* às letras. As letras são objetos com os quais interagimos fisicamente, as suas formas, as suas posições, o ritmo que formam, fazem parte do nosso universo visual, senão de nós mesmos.

Como decorreu o processo de criação da *Lisboeta*?

A ideia de desenhar um tipo de letra inspirado em letreiros comerciais partiu do Vasco Ferreira, autor do projeto gráfico. A ideia seria desenhar algo lisboeta e moderno, que marcasse a identidade da revista *Lisboa* e ao mesmo tempo se integrasse bem com a Grifo, a letra escolhida para a publicação. A Grifo, apesar de ser contemporânea e de linhas simples é de inspiração neoclássica, ou seja, de construção racionalizada e com alto contraste. A justificação do Vasco para a escolha da Grifo, de que esta cidade tem uma faceta de racionalidade e geometria, agradou-me imediatamente. É o urbanismo das Avenidas Novas, o legado modernista da cidade, o edifício Gulbenkian e mesmo o próprio claro-escuro da cidade. Para a *Lisboeta*, o ponto de partida foi uma conversa à volta de uma recolha fotográfica de letreiros e alguns manuais portugueses de caligrafia antigos. O processo foi muito fluido. ●

Lisboa

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Lisboa
Departamento de Marca e Comunicação

DIRETORA
Filomena Costa

DIRETOR-ADJUNTO
Luís Miguel Carneiro

EDITORA
Susana Pina

REDAÇÃO
Filomena Prouença, José Manuel Marques, Luís Figueiredo, Mafalda Ferraz, Marta Rodrigues, Rui Baptista, Rui Martins, Sara Inácio. Colaboraram, neste número: Elisabete Brito, Paula Cerejeiro

DESIGN, ILUSTRAÇÃO
E PAGINAÇÃO
Filipa Palet, João Ferreira, José Carrapatoso, Maria João Pardal, Sandra Lucas, Sónia Henriques, Teresa Fernandes

FOTOGRAFIA
Nuno Correia (Editor), Américo Simas, Armindo Ribeiro, Luís Ponte, Manuel Levita, Patrícia Ferreira

RELAÇÕES EXTERNAS
E PRODUÇÃO
Paula Cerejeiro

ARQUIVO DMC
Ana Cosme, Célia Martins

AGRADECIMENTOS
Urban Sketchers Portugal

APOIO À PRODUÇÃO
METROSTUDIO - hair, Rua do Crucifixo, 120
geral@metrostudio.pt
Maquilhadora: SARA KRUSS para Make U Over Makeup

VERSÃO BRAILLE
Gabinete de Referência Cultural – Imprensa Municipal
ESTATUTO EDITORIAL
<http://www.cm-lisboa.pt/publicações-digitais/ultimas>

IMPRESSÃO
EINSA PRINT

TIRAGEM
250.000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL
341672 / 12

ISSN
2182-5556

INSCRIÇÃO NA ERC
Anotada

PERIODICIDADE
Trimestral

DISTRIBUIÇÃO
Gratuita

CONTACTOS
revistalisboa@cm-lisboa.pt
Telefone: 218 172 500

Rua Nova do Almada, 53, 1.º, 1200-288 Lisboa.





RAFAEL BARRETO

POR SARA INÁCIO

LISBOA *Rafael, conta-nos um pouco da tua história...*

RAFAEL BARRETO Nasci aqui no bairro. Sou filho de mãe são-tomense e de pai cabo-verdiano. Apaixonaram-se, casaram e vieram para aqui morar. Adoro o meu bairro, as suas gentes e estou grato por tudo que fizeram por mim. Vim para o Centro de Artes e Formação aprender dança aos oito anos de idade. Com 14 já era professor e, desde então, dou aulas de dança, *hip-hop*, ginástica, teatro, a jovens dos 8 aos 18, e também a maiores de 55 anos. Costumo dizer que esta é a minha primeira casa. Foi aqui que cresci como ser humano e onde hoje ajudo outros jovens a alcançar os seus sonhos.

LISBOA *E que bairro é este que te viu nascer?*

RAFAEL BARRETO É o melhor do mundo e quero que fique na memória de todos nós. Foi um bairro que nasceu da tragédia. Um grande incêndio, em julho de 1963, destruiu 14 barracas, na então Quinta da Feteira, Charneca do Lumiar, deixando muitas pessoas desalojadas. Reza a história que seis senhoras da Cruz Vermelha, todas de nome Maria, reuniram fundos para a construção das primeiras casas do bairro. Ficaram conhecidas pelas *Seis Marias*. Agora somos nós que vamos partir e ser realojados, aqui ao lado na freguesia de Santa Clara. O bairro vai abaixo.

LISBOA *Sabemos que tens feito um trabalho comunitário muito ativo, que tens servido de elo de ligação entre os habitantes dos dois bairros. Fala-nos disso.*

RAFAEL BARRETO Sim, é importante que as pessoas se comecem a conhecer e a estreitar laços, assim como preservar as memórias. Não é fácil para alguém que viveu sempre num lugar deixar tudo e começar de novo. Através do programa municipal BIP/ZIP conseguimos financiamento para dois programas: *Praceta D'Sôdade* e *Nós Retrato*. Com o primeiro, conseguimos transformar uma praceta aqui do bairro numa sala de teatro ao ar livre. Um lugar de convívio onde os atores, que foram os próprios habitantes, vieram contar as suas histórias de vida a outros públicos. Como chegaram aqui, o que sofreram, o que passaram quando não havia água, nem luz... Com o *Nós Retrato* criámos uma oficina de escrita e leitura onde ensinámos algumas pessoas a ler e escrever e a reproduzir os seus testemunhos de vida pela própria mão. Porque o registo da nossa caligrafia é único. Pretendemos lançar um livro. Também documentámos em vídeo e fotografia esses registos. Escolhemos cinco rostos do bairro e reproduzimos as fotos em telas gigantes que podem ser vistas nas fachadas dos prédios. São retratos de saudade. 🍷

“Sabemos que vamos partir mas as nossas memórias vão ficar em todos nós, nos nossos corações e na história de um bairro de Lisboa.”

A portrait of a young Black man with curly hair, smiling broadly with his arms crossed. He is wearing a dark, long-sleeved button-down shirt. The background is a plain, light-colored wall.

Lisboa

Vidas de Bairro

RAFAEL BARRETO
SAUDADE NO BAIRRO DA CRUZ VERMELHA

Rafael Barreto tem 25 anos e mora no Bairro da Cruz Vermelha, no Lumiar. Era ainda adolescente quando começou a trabalhar em prol da comunidade. “Um dos jovens mais talentosos e empreendedores deste bairro”, diz quem o conhece. Rafael é professor no Centro de Artes e Formação do seu bairro e dirige a associação cultural Lugar Comum.

ENTREVISTA NO VERSO DA CONTRACAPA